



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

Centro de Tecnologia e Ciências

Escola Superior de Desenho Industrial

Roberta Pinheiro Guizan Silva

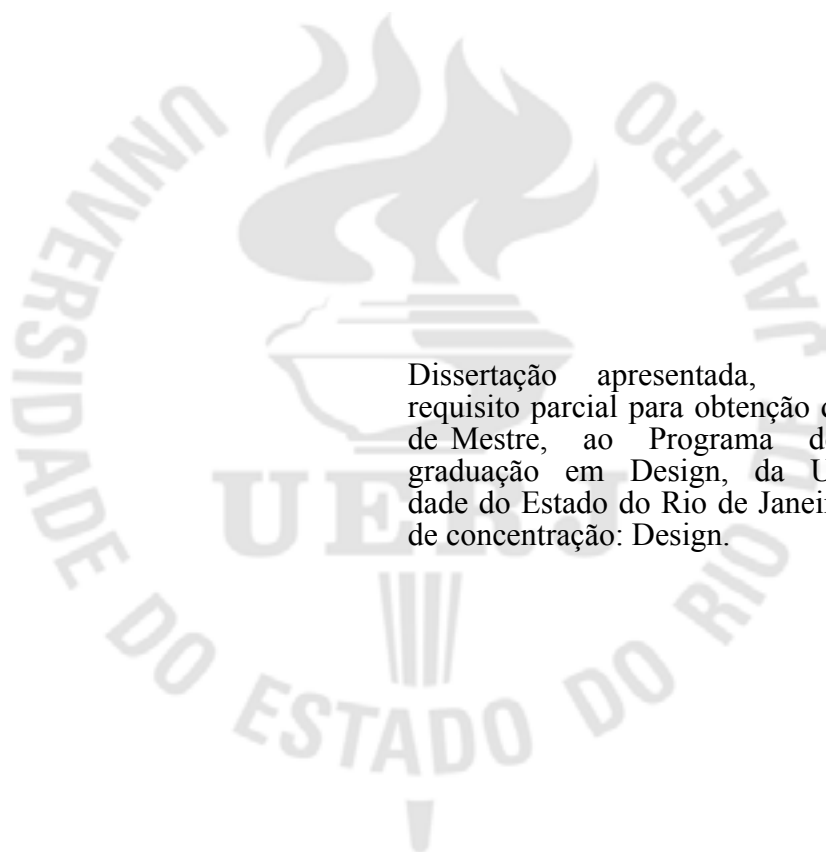
**Colaboratório: experimentos de colaboração e educação na  
oficina gráfica da Esdi**

Rio de Janeiro

2019

Roberta Pinheiro Guizan Silva

**Colaboratório: experimentos de colaboração e educação na oficina gráfica da Esdi**



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-graduação em Design, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Design.

Orientadora: Profa. Dra. Zoy Anastassakis

Rio de Janeiro

2019

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CTC/G

G969

Guizan, Roberta.

Colaboratório : experimentos de colaboração e educação na oficina gráfica da Esdi / Roberta Guizan. - 2019.

86 f.: il.

Orientadora: Profa. Dra. Zoy Anastassakis.

Dissertação (Mestrado). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Escola Superior de Desenho Industrial.

1. Design e educação - Teses. 2. Sistema colaborativo - Teses. 3. Produção gráfica - Teses. 4. Escola Superior de Desenho Industrial- Teses. I. Anastassakis, Zoy. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Escola Superior de Desenho Industrial. III. Título.

CDU 7.05 + 37

Bibliotecária: Marianna Lopes Bezerra CRB7/6386

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

---

Assinatura

---

Data

Roberta Pinheiro Guizan Silva

**Colaboratório: experimentos de colaboração e educação na oficina gráfica da Esdi**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-graduação em Design, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Design.

Aprovada em 06 de setembro de 2019.

Banca Examinadora:

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Zoy Anastassakis (Orientadora)  
Escola Superior de Desenho Industrial - UERJ

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Barbara Peccei Szaniecki  
Escola Superior de Desenho Industrial - UERJ

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Luiza Ferreira de Souza Leite  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

## AGRADECIMENTOS

Agradeço minha mãe e meu pai por desde cedo incluírem eu e minha irmã em todas as decisões que nos afetariam. Com eles aprendi a fazer as coisas juntos, me perceber parte desse coletivo que é nossa família. Agradeço por priorizarem sempre nossa felicidade e bem estar e entender que estes não são consequências do status ou do dinheiro, dessa forma aprendi a olhar para aquilo que faz meus olhos brilhar e ir sempre atrás disso.

Agradeço minha irmã por trilharmos nossa vida lado a lado, por dividirmos tudo uma com a outra, desde a comida, até os ideais e profissão. Com ela nunca me senti sozinha e portanto essa nova conquista é nossa.

Agradeço à Carol pela parceria mais inspiradora que tenho, pela sua incansável busca por se entender e pelo aprimoramento dos seus fazeres. Com você continuo aprendendo a cada novo projeto que tenho a felicidade de compartilhar, aprendi que os processos não tem fim nem ao menos fronteiras.

Agradeço ao André por sua generosidade e insistência na abertura de todas as “caixas pretas”. Com você aprendi que não há experiência mais rica do que abrimos nossos conhecimentos e desfrutarmos das consequências dessa ação.

Agradeço a Zoy pela insistência em me fazer me inscrever no mestrado, por me possibilitar aprender tanto sobre mim mesma, perceber minhas potências e abraçá-las, por possibilitar que eu compreendesse de forma mais clara a grandeza deste movimento que geramos na escola. Agradeço pela parceria, pela troca de ideias, pela franqueza das palavras, pelo espaço que me deu ao escrever esta dissertação, sem você esse projeto não teria espaço para acontecer neste momento. Com você aprendi a aprender estando inteira envolvida em meus aprendizados.

Agradeço a Mari pela parceria em compartilhar os momentos de escrita e pelos vários desenhos motivacionais que me acompanham até hoje. Aprendi que este processo que é muito pessoal não precisa ser sozinho e fico muito feliz que tenhamos passado por isso juntas.

Agradeço a Julia por em todos os momentos de exaustão esteve do meu lado para falar que eu conseguiria, pode parecer besteira, mas sem essas falas eu não teria conseguido. Agradeço pelo suporte e carinho que teve comigo nesse fim do processo. Com você tenho aprendido a confiar mais em mim mesma.

Agradeço a meus professores da graduação Ana Branco, Vicente e Luciana por me acolherem em suas aulas e terem a generosidade de me deixar participar delas como monitora e aluna. Com vocês descobri meu interesse pela pesquisa e minha satisfação em compartilhar processos de aprendizagem, vocês não sabem mas foram o início disso tudo.

Agradeço principalmente aos zeladores e todos aqueles que frequentaram o Colabó-ratório fazendo com que este projeto pudesse acontecer. Com vocês aprendi que autonomia se consegue junto.

## RESUMO

GUIZAN, R. *Colaboratório: experimentos de colaboração e educação na oficina gráfica da Esdi*. 2019. 86 f. Dissertação (Mestrado em Design) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Escola Superior de Desenho Industrial, Rio de Janeiro, 2019.

Esta dissertação tem como objeto de pesquisa o projeto Colaboratório que tinha como objetivo reativar a oficina gráfica da Escola Superior de Desenho Industrial - Esdi através da experimentação e desenvolvimento de uma gestão compartilhada do espaço, recursos e saberes referentes aos meios e métodos de produção gráfica. Ao longo de minha vivência como pesquisadora da Pós-graduação da Esdi utilizei as noções de correspondência (Ingold, 2013) como inspiração para desenvolver minha metodologia de pesquisa ao me engajar em um processo investigativo sobre como essa experimentação se deu e qual sua relevância para a escola e para o campo do design. Os aspectos descritos sobre o Colaboratório acompanham o projeto desde sua concepção no início de 2016 até o fim da presente pesquisa em 2019 e dizem respeito a sua origem e motivação de seus participantes em fazerem parte de tal projeto, sua organização e através de que ferramentas é realizada a gestão compartilhada da oficina gráfica, a produção de artefatos gráficos e como esta se dá e como é viabilizada a comunicação e troca de saberes dentre seus participantes. A partir desta investigação é possível compreender o projeto em questão como uma plataforma de colaboração que promove um ambiente de desenvolvimento e aprendizado sobre a colaboração em si e, também, diferentes formas de acessar o conhecimento acerca da produção gráfica, distintos aqueles aos que estamos habituados a encontrar dentro de um ambiente universitário. Estas reflexões são apresentadas ao colocar em diálogo as experiências observadas no Colaboratório com três principais temas tratados neste documento, são eles: laboratório, colaboração e educação. Como conclusão e apontamentos compreendemos que tal projeto colabora com a escola ao reativar um espaço de oficina que se encontrava com pouco uso, mas principalmente ao apresentar diferentes formas de possibilitar a permanência deste espaço ativo, como também em investigar meios para que alunos e não alunos construam de forma mais autônoma caminhos para sua formação e disseminação de seus trabalhos. Não é possível prevermos quais serão os desdobramentos futuros do Colaboratório mas podemos renovar a aposta realizada em sua concepção de que a potência de construir algo juntos é um caminho viável para a democratização dos meios e métodos de produção gráfica.

Palavras-chave: Colaboração. Educação. Laboratório. Oficina gráfica. Produção gráfica.

## ABSTRACT

GUIZAN, R. *Colaboratório: collaboration and education experiments at Esdi's graphics workshop*. 2019. 86 f. Dissertação (Mestrado em Design) - Escola Superior de Desenho Industrial, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

This dissertation's research object is the "Colaboratório" project, whose aim was to reactivate the graphics workshop at Escola Superior de Desenho Industrial - Esdi through experimentation and the development of shared management of space, resources and knowledge related to the means and methods of graphic production. Throughout my experience as an Esdi Graduate researcher, I used the notions of correspondence (Ingold, 2013) as an inspiration to develop my research methodology by engaging in an investigative process on how this experimentation took place and how relevant it is to the school and to the field of design. This monograph describes aspects of the Colaboratório since its establishment in early 2016 until the end of this research in 2019. They encompass its origin and the participants' motivation to be part of such a project, its organization and which tools are used in the shared management of the graphics workshop, the production of graphic artifacts and how they are created and how the communication and exchange of knowledge among its participants happens. Through this investigation it is possible to understand the project in question as a collaboration platform that fosters an environment to develop and learn about collaboration itself and also alternative ways of accessing knowledge about graphic production, diverging from those we are used to find within a university. These considerations are presented by analyzing how the experiences observed in the Colaboratório converse with three main themes addressed in this document, namely: laboratory, collaboration and education. In conclusion, it becomes clear that such a project collaborates with the school by reactivating a workshop space that was underused, but mainly by presenting different ways of keeping it active, as well as investigating ways for students and non students to build more autonomous paths for their training and dissemination of their work. It is not possible to predict what will be the future ramifications of the Colaboratório, but we can renew the belief invested in its conception that the power to build something together is a viable path for the democratization of the means and methods of graphic production.

Keywords: Collaboration. Education. Laboratory. Graphics Workshop. Graphic Production.



## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	7
	<b>Introdução ao Colaboratório</b> .....	8
	<b>Introdução ao documento</b> .....	9
1	<b>COLABORATÓRIO - UM LABORATÓRIO DE COLABORAÇÃO OU UM <i>DESIGN LABORATORY</i>?</b> .....	12
1.1	<b>O CODE e os <i>design laboratories</i></b> .....	13
1.2	<b>O Colaboratório é um <i>design laboratory</i>?</b> .....	16
2	<b>COMO SURTIU O COLABORATÓRIO?</b> .....	21
3	<b>COLABORATÓRIO COMO PLATAFORMA DE COLABORAÇÃO E EDUCAÇÃO</b> .....	36
4	<b>MUTIRÕES PRODUTIVOS</b> .....	60
	<b>APONTAMENTOS</b> .....	78
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	85

## INTRODUÇÃO

A presente dissertação tem por tema a iniciativa intitulada Colaboratório. Ela se desenvolve em torno da discussão sobre a relevância de um projeto como este em uma escola de design. Colaboratório foi um projeto com o objetivo de reativar a oficina gráfica da Escola Superior de Desenho Industrial (Esdi) através de experimentos de gestão compartilhada do qual fiz parte desde seu início, em maio de 2016 até abril de 2019. Logo, faz-se importante apontar este duplo pertencimento no qual sou um dos indivíduos pesquisados e, ao mesmo tempo, pesquisadora.

Ao longo do período em que cursei o mestrado me propus a desenvolver um processo de correspondência (Ingold, 2013) com as pessoas e objetos que estiveram presentes neste espaço da oficina gráfica enquanto sede do Colaboratório. Este conceito - correspondência - desenvolvido em diversas obras de Tim Ingold, e que compõe a base teórica da presente pesquisa, é aqui utilizado como *modus operandi* para minha postura como pesquisadora no Colaboratório e em meu trajeto como aluna na pós-graduação da Esdi.

Assim, faz-se necessária a explanação do que compreende este processo de correspondência. Ingold (2013) diz que, na arte da investigação, a conduta do pensamento acompanha e responde continuamente aos nossos fluxos e aos dos materiais com os quais trabalhamos, e que, assim, portanto, todo trabalho é um experimento. Não no sentido científico de testar uma hipótese preconcebida, ou de projetar um confronto entre idéias “na cabeça” e fatos “no chão”, mas no sentido de valorizar uma abertura e seguir onde ela nos leva. Segundo ele, você tenta as coisas e vê o que acontece. Assim, a arte da investigação avança em tempo real, junto com as vidas daqueles que são tocados por ela, e com o mundo ao qual pertencem. Longe de responder aos planos e previsões, une-se a essas vidas em suas esperanças e sonhos.

Praticar este método não é descrever o mundo, ou representá-lo, mas abrir nossa percepção para o que está acontecendo nele para que possamos responder a isso, isto é, para estabelecer uma relação com o mundo. Esta forma de se relacionar com o mundo, esta arte da investigação, é o que o autor chama de correspondência. Para Ingold, é nesse sentido que a antropologia pode ser considerada uma arte de investigação. Uma forma não de mero acúmulo de mais e mais informações sobre o mundo, mas de invenção de modos de correspondência com ele, nele. De forma resumida, podemos dizer que corresponder com o mundo não é descrevê-lo,

ou representá-lo, mas responder a ele. É misturar os movimentos de nossas próprias consciências sensíveis com os fluxos e correntes da vida.

Meu esforço como pesquisadora se alinha ao que Ingold apresenta como correspondência, esta arte da investigação, ao me propor a vivenciar o ambiente, não apenas do Colaboratório, mas, de forma mais abrangente, o da Esdi, no qual fui integrante do curso de pós-graduação e, também, do projeto de reativação da oficina gráfica. Neste percurso não tive a pretensão de descrever ou representar as relações existentes entre estes dois papéis que desenvolvi, integrante do Colaboratório e aluna da pós-graduação, mas me propus a abertura de experimentar um processo no qual minha percepção sobre estes papéis pudesse ser ampliada, um processo de correspondência, um modo inquisitivo de estar com as pessoas e coisas habitando estes espaços.

Ainda vale ressaltar que este esforço não deve ser compreendido como um investimento em assumir um papel de antropóloga, mas, sim, como a experimentação de uma forma de fazer pesquisa em design partindo das premissas apresentadas pelo autor em questão. Dessa forma, o conteúdo do presente documento apresenta esta vivência na qual minhas experiências como pesquisadora, aluna e integrante do Colaboratório se entrelaçam a partir do momento em que me proponho a abertura de seguir este fluxo de correspondência e compreender onde ele me levaria.

Ao longo de minha pesquisa optei por relatar e refletir principalmente sobre como este projeto se estruturou, suas especificidades no âmbito organizacional e produtivo, de que forma as pessoas envolvidas se aproximavam e se engajavam em participar do mesmo e os impactos que este movimento causava nas experiências de aprendizado e produção destas pessoas. Este foco não foi pré-estabelecido, mas surge como um recorte consequente do meu exercício em corresponder ao que vivi neste ambiente ao longo deste período. Logo, este documento não tem a pretensão de dar conta de uma visão totalitária do que ocorreu no Colaboratório no período em que estive o frequentando como pesquisadora e participante. Mas a decisão de olhar para os aspectos citados acima foi feita com o objetivo de dar destaque a relevância de um projeto como este dentro do ambiente acadêmico.

## **Introdução ao Colaboratório**

O Colaboratório foi uma iniciativa que se encontrava na oficina gráfica da Esdi desde maio de 2016, inicialmente com um grupo formado por cinco integrantes - entre alunos e não

alunos, no qual eu estava inserida previamente à minha entrada no curso de pós-graduação da Esdi - que se encontravam semanalmente para cuidar e transformar este espaço, que já contava com diversas ferramentas e materiais em condições de uso. Com o início do Colaboratório foram somados a esse acervo equipamentos e materiais pessoais destas cinco pessoas, que a partir deste momento passavam a ser compartilhados com os usuários, como: guilhotina manual, três máquinas de escrever, máquina de corte em papel *cricut*, um *laptop*, tábuas de corte, material de papelaria variado e quatro impressoras jato de tinta.

Segundo relatos de alunos e professores, a oficina gráfica sofria de uma subutilização, da qual um dos motivos seria a ausência de um técnico que pudesse orientar os interessados e garantir a manutenção mínima necessária aos equipamentos e espaço. Tal ausência começa a ser suprida através da presença destes cinco integrantes do Colaboratório que se auto-intitulam zeladores, por estarem comprometidos com os cuidados da oficina. Estes iniciam um trabalho com foco na transparência dos modos de uso dos recursos disponíveis na oficina, compartilhando espaço, máquinas e materiais. Isto é possível através da colaboração entre zeladores e usuários em criar ferramentas e dinâmicas que possibilitem a manutenção deste espaço de modo a gerar não apenas fluxo monetário, mas também de saberes necessários para o funcionamento desse sistema.

Desde então, inicia-se um processo em andamento de descentralização da gestão, ou seja, de experimentação de uma gestão compartilhada, com o objetivo de tornar transparentes custos, tarefas e recursos necessários para que a oficina permanecesse em funcionamento e acessível para qualquer interessado em desfrutar dessa estrutura, engajando esses usuários a se tornarem, na medida do possível, também zeladores, incentivando sua autonomia.

Este processo será abordado no presente documento a partir das minhas vivências como parte integrante do Colaboratório e também como pesquisadora, através de relatos mais aprofundados e detalhados das atividades desenvolvidas por este coletivo.

## **Introdução ao documento**

Ao longo dos capítulos a seguir, discorro mais detalhadamente com as experiências vividas no Colaboratório através de relatos provenientes da minha vivência pessoal e da

interação com as pessoas que também vivenciaram este espaço.

O texto está estruturado em torno de três grandes temas que permearam não apenas estas experiências como minhas leituras ao longo deste período. A teoria aqui apresentada surge no trabalho como parte da minha experiência em corresponder com a realidade com a qual me propus a engajar, servindo como ferramenta de interlocução para apresentar estes grandes temas observados. São eles: colaboração, educação e laboratório.

No primeiro capítulo, “Colaboratório - um laboratório de colaboração ou um *design laboratory*?”, apresento uma primeira reflexão questionando as proximidades existentes entre as teorias desenvolvidas no *Codesign Research Centre - CODE*, da *Royal Danish Academy of Fine Arts* e as práticas que ocorriam no Colaboratório.

No segundo capítulo, “Como surgiu o Colaboratório?”, apresento relatos sobre experiências prévias que posteriormente vieram a dar origem ao projeto e as reflexões iniciais que acabam por configurar o Colaboratório.

No terceiro capítulo, “Colaboratório como plataforma de colaboração e educação”, convido o leitor a perceber as experiências desenvolvidas na oficina gráfica como uma plataforma de pesquisa sobre colaboração e educação, o que proponho através de relatos sobre o dia-a-dia do Colaboratório, acompanhados das reflexões teóricas expostas por Paulo Freire, Tim Ingold, Ezio Manzini e Richard Sennett.

No capítulo quatro, “Mutirões produtivos”, exponho um modo de produção coletiva desenvolvido no Colaboratório, bem como apresento uma coleção de publicações independentes que foram produzidas através deste processo. Por último, no capítulo “Apontamentos”, apresento reflexões finais sobre a pesquisa aqui apresentada, desdobramentos e prospecções de caminhos futuros.

Ainda como recurso textual me proponho a experimentar diferentes estilos de escrita a fim de dar conta das experiências vividas, o que realizo a partir da interlocução com o conceito apresentado por Donna Haraway (2016), com a denominação de *speculative fabulations*, que podem ser definidas como criações de ficções antropológicas vívidas e intensas com o objetivo de abrir espaço para futuros transformadores, como também, para ser capaz de intervir e remodelar a realidade. Segundo a autora, estas ficções antropológicas, podem ser cultivadas através da experimentação da observação participante e da correspondência, no qual aquele que observa atua com a capacidade de resposta e engajamento. Nesse sentido, são experimentos de imaginação antropológica que visam intervir e modificar a realidade, desafiando a ordem

existente para transformar o futuro. Uma forma de narrativa ativista que lida com histórias reais em que vários jogadores estão envolvidos em traduções parciais e transformações liminares na diferença (Haraway, 2016).

As fabulações especulativas presentes neste documento tem como objetivo criar ilustrações de situações vivenciadas e observadas no Colaboratório de modo a facilitar a compreensão das relações estabelecidas entre a teoria e as práticas observadas. São imagens digitadas, uma forma de “visualizar” situações complexas demais para serem “fotografadas”. Vale ressaltar que estes experimentos textuais não se distanciam das situações observadas, mas usufruem da liberdade de escrita para que estas histórias sejam contadas de forma mais fluída. Estes textos estarão presentes nos capítulos teóricos deste documento e serão introduzidos com um título sublinhado como subterfúgio gráfico de diferenciação.

As outras imagens encontradas neste documento são fotografias que fazem parte de um acervo de registro compartilhado pelos zeladores do Colaboratório. Estas fotos são registros pessoais de diversos frequentadores do projeto que foram disponibilizadas em uma nuvem *online*, a qual todos os zeladores tinham acesso. Portanto são em sua maioria registros espontâneos do dia-a-dia da oficina gráfica que neste documento serão utilizados com a finalidade de “ilustrar” as situações narradas no texto, contribuindo para que o leitor possa adentrar em mais uma camada de informações sobre este projeto.

## 1 COLABORATÓRIO - UM LABORATÓRIO DE COLABORAÇÃO OU UM *DESIGN LABORATORY*?

O primeiro exercício reflexivo que realizei ao longo do período de mestrado se estabeleceu com o questionamento sobre a proximidade entre as práticas desenvolvidas no Colaboratório e aquelas presentes nos assim denominados *design laboratories*, conceito desenvolvido pelos pesquisadores do *Codesign Research Centre - CODE*, da *Royal Danish Academy of Fine Arts*, sediado em Copenhague, na Dinamarca. Este questionamento surge a partir da aproximação do CODE com o laboratório de pesquisa de que faço parte antes mesmo de iniciar o mestrado, o LaDA - Laboratório de Design e Antropologia, da Esdi/Uerj.

Esta aproximação foi viabilizada pela *Danish Agency for Science Technology and Innovation* como um esforço de criação de uma rede de cooperação bilateral tendo como objetivo o desenvolvimento de uma plataforma de colaboração de pesquisa sobre os modos com que metodologias de design colaborativo e *design anthropology* podem fortalecer a cidadania ativa através de novas formas de participação, visto que ambos os laboratórios de pesquisa estão envolvidos em projetos de participação cidadã para renovação urbana utilizando metodologias de codesign.

Esta parceria se estabeleceu ao longo do ano de 2015 através do intercâmbio entre professores e alunos de pós-graduação realizando *workshops* e reuniões de orientação nas duas cidades onde se encontram esses laboratórios de pesquisa. Através desses encontros, me aproximei do trabalho realizado pelos integrantes do CODE e identifiquei a possibilidade de traçar esses paralelos entre práticas e conceitos que estavam sendo desenvolvidos por seus pesquisadores e a experiência que venho desenvolvendo junto ao grupo do Colaboratório.

Sendo assim, o conteúdo reunido neste exercício acerca do CODE foi consultado no banco de dados da *Royal Danish Academy of Fine Arts - School of Design*, sem restrição por data de publicação dos trabalhos, tendo como inspiração metodológica o método de revisão sistemática.

Utilizando como referência os trabalhos de Libânio e Amaral (2011), foi estipulada a seguinte questão: de que formas o CODE está colocando em prática processos de codesign e quais são suas conclusões e reflexões referentes a estes processos? Esta indagação surge a partir da minha percepção inicial de que estes processos de codesign poderiam ser bons interlocutores

para os processos que vinha experimentando no Colaboratório. Foram adotados como critérios para a seleção das publicações estas terem sido escritas em inglês; possuírem ao menos um dos conceitos/palavras escolhidos para a realização da busca no título ou nas palavras-chave; e contemplarem os conceitos/palavras pesquisados como foco ou parte importante da construção textual. Os conceitos/palavras escolhidos para a realização da pesquisa foram: *co-design*, *collaborative*, *participatory design*, *design laboratory* e *democratic design*.

Ao todo, foram encontrados trinta trabalhos que apresentavam ao menos uma dessas palavras em seus títulos ou em suas listas de palavras-chave, dos quais treze ainda não estão disponíveis *online*. Dos dezessete artigos e teses disponíveis, dois foram identificados como tratando superficialmente das palavras escolhidas e, portanto, foram eliminados da seleção. Logo, ao todo, foram analisados quinze trabalhos, entre livros, teses e artigos.

O conjunto de artigos analisados nos trazem relatos de trabalhos práticos de codesign, apreciações sobre o que constitui este campo e ainda proposições de formatos para o desenvolvimento e expansão do campo em si, com destaque para a experimentação em torno do que ali se convencionou chamar de *design laboratory*. Este conceito será explorado posteriormente como filtro para um olhar sobre a experiência do Colaboratório, mas para compreendermos o que é realizado nos *design laboratories* precisamos antes entender o que os pesquisadores do CODE entendem como prática do codesign.

### 1.1 O CODE e os *design laboratories*

Ao visitar o *website* do CODE, em meados de abril de 2018, na área destinada à descrição do centro de pesquisa, tínhamos acesso a rápidas definições sobre os objetivos e conceitos nos quais seus pesquisadores estavam interessados. O objetivo do CODE é produzir conhecimento sobre como o projeto de design é conduzido na prática e contribuir para um aperfeiçoamento contínuo do campo. Isso se dá através do desenvolvimento e exploração de diferentes abordagens, métodos e ferramentas para co-projetar, nos quais o conhecimento dos participantes é evidenciado e várias atividades dão suporte simultaneamente para processos de aprendizagem mútua. O centro de pesquisa integra conhecimentos advindos de domínios como o design participativo, *design anthropology*, ciências sociais e tecnológicas, estudos de



performance e design de interação.

Codesign, como explicitado no próprio *website* do CODE, é uma abreviação para o termo em inglês *collaborative design*, uma investigação crítica de novas possibilidades em que diversos parceiros são envolvidos ativamente em diálogos materiais sobre o que constitui futuros desejados. O codesign é baseado nas tradições de design centrado no usuário, design participativo, design crítico e etnografia, e tem suas raízes na tradição do design participativo e foco na inclusão de usuários no desenvolvimento de novas soluções de design. Em um processo de codesign, são realizados uma série de *workshops* envolvendo regularmente, além de usuários, outros indivíduos relevantes para o desenvolvimento do projeto.

Em um trecho de seu artigo, Lundsgaard (2011, p.1) aponta que nestes espaços temporários (*workshops*) são usadas ferramentas de facilitação como jogos de design (*design games*) para que os envolvidos compartilhem experiências e construam comprometimento com o processo no qual estão envolvidos. Essas ferramentas inspiram os participantes a experimentar e explorar um novo espectro de possibilidades ao criarem coletivamente resultados tangíveis. Codesign é sobre abrir espaço para pessoas com diversos interesses, papéis e responsabilidades ensaiarem o futuro (Brandt, 2011: 02). No geral, os processos e atividades destes *workshops* podem ser descritos como formas de achar modos/caminhos para juntos ensaiar esses futuros possíveis e desejados (Brandt et al. 2011, *apud* Halse et al. 2010, p.2).

Em tal prática, o papel dos designers muda de preparar e apresentar propostas para o de facilitar formas de co-projetar que engajam diversos indivíduos, com interesses em comum e diferentes origens. Essa colaboração estabelecida nos *workshops* cria espaço para o progressivo desenvolvimento de uma linguagem compartilhada e criação contínua de espaços para que questões e propostas possam amadurecer. O desafio, então, é criar encontros sinérgicos em que todas as partes interessadas mobilizem seus conhecimentos e competências conjuntamente.

Como aprofundamento da pesquisa prática e teórica do codesign, alguns pesquisadores do CODE vêm desenvolvendo o que chamam de *design laboratories*, que se configuram como uma série de eventos de codesign em que todos os indivíduos envolvidos participam de atividades que se concentram na experimentação e aprendizado mútuos, como explicitado por Brandt e Binder (2010, p. 400).

Os *design laboratories* funcionam como uma plataforma para instigar e sustentar a participação das pessoas envolvidas no projeto de design a ser desenvolvido. As atividades acontecem dentro ou próximo da vida cotidiana das pessoas envolvidas para compartilhar a

autoria e permitir adaptações a situações concretas. Ao mudar o foco do projeto para a criação de possibilidades para inovações sociais, culturais e cotidianas que já estão sendo desenvolvidas pelas pessoas nas suas atividades diárias, o resultado do projeto de design passa não mais a ser puramente o artefato, mas, sim, principalmente, uma infraestrutura com a ambição e o potencial autossustentável de continuidade, mesmo após o término do projeto. Nesta abordagem específica de projeto e mobilização, o processo de design e a experimentação de uso se fundem em uma rede interdependente de relações. Sendo assim, para se obter sucesso em uma experiência de *design laboratory* é importante descobrir que participantes recrutar e como organizar atividades para que eles se engajem, criem experiências compartilhadas e novos conhecimentos relevantes (Yndigedn et al. 2011).

Os *design laboratories* estabelecem uma organização de aprendizagem que, desde o início, explora simultaneamente “o que” projetar e “como” inovar. Isso rompe com as abordagens mais tradicionais que separam pesquisa e ideação/desenvolvimento de conceitos de design e implementação (Brandt e Binder 2010, p. 400).

Em seu artigo “*Why design:labs?*”, Thomas Binder (2007) questiona o que seria a pesquisa em design: um estudo de coleta de dados? Um projeto de design? Consultoria em design? Os resultados da pesquisa são um mapeamento do comportamento do usuário? Um catálogo de possibilidades de projeto? Uma exploração de possibilidades de estratégias de design? A resposta que nos apresenta é de que todas são possibilidades viáveis, mas nos propõe a pensar pesquisa em design como um laboratório para a mudança. Binder então faz uma defesa do uso do termo laboratório iniciando seus argumentos apresentando a definição da palavra segundo o *website Wikipédia*: laboratório é um ambiente controlado para pesquisa científica, experimentos e medição que contém equipamentos para processos padronizados e cadernos laboratoriais para registro dos experimentos.

O autor prossegue traçando uma comparação do laboratório com um atelier ou um estúdio de design, por estes também possuem equipamentos e processos padronizados, mas que diferem dos laboratórios por serem conhecidos por produzir resultados tangíveis e não por realizar experimentações. Por fim, Binder dá ênfase à característica mais atrativa de utilizar a metáfora. Tanto em um escritório de design como em um laboratório, é possível e esperado que sejam produzidos o novo e o inesperado. No entanto, em um laboratório, a ênfase está no processo e em como entregar uma receita aberta desta inovação na qual o processo seja escalável e portátil, garantindo sua validação e possibilitando novas traduções, enquanto que,

nos escritórios, a ênfase seria em entregar um resultado único.

Com isso, podemos concluir que o termo laboratório traz para a pesquisa e projeto de design uma ênfase no método em vez do resultado. Também pressupõe a criação de um espaço de experimentação de modos de co-projetar que envolvem diversos atores de diferentes origens com interesse coletivo no desenvolvimento de algo. Nestes espaços, os designers desenvolvem dinâmicas de facilitação, nas quais apresentam formatos para que todos os participantes possam comunicar seus fazeres diários, expressar e construir juntos seus futuros desejados, assumindo que a inovação já se encontra no cotidiano dessas pessoas.

## 1.2 O Colaboratório é um *design laboratory*?

Colaboratório, como o nome sugere, é um laboratório de colaboração, com a proposta de reativar a oficina gráfica da Esdi em um processo de experimentação sobre gestão compartilhada. Esta experimentação teve como objetivo possibilitar o acesso e o uso deste espaço e destas ferramentas para alunos, professores e interessados, de forma que todos esses atores contribuíssem para a sustentabilidade e expansão do projeto.

Para que possamos compreender melhor qual a proximidade do que ocorre no Colaboratório com os experimentos realizados pelo CODE em relação aos *design laboratories*, apresentarei algumas iniciativas que foram desenvolvidas nesta oficina gráfica. Para facilitar a compreensão do texto e aproveitando uma definição do próprio Colaboratório, chamarei os indivíduos mais engajados do espaço de “zeladores”, como se autodenominavam, por serem aqueles que estavam comprometidos a zelar pelo espaço.

Assim que o espaço da oficina gráfica foi organizado, a primeira contribuição de maquinário realizada foi a de uma impressora jato de tinta *hackeada*. Esta impressora possui uma adaptação que permite com que os cartuchos originais sejam alimentados através de mangueiras que, por sua vez, os conectam a reservatórios externos de tinta com capacidade para armazenar até 400 ml. Este sistema possibilita a compra de galões de tinta ao invés de cartuchos, o que representa uma grande economia, sendo os custos da impressão mais baratos que tirar uma cópia em copiadoras rápidas encontradas em pequenas prestadoras de serviços gráficos. Porém, ainda que econômica, uma impressora demanda cuidados como manutenção e

investimentos para compra de materiais, como papel e tinta.

Para dar conta destas demandas, começamos a desenvolver os primeiros experimentos de gestão compartilhada do projeto. Nossa primeira ação foi desenvolver um aviso confeccionado manualmente expondo qual o custo de cada folha de papel e tinta gastos por impressão. Este aviso se configurou como um pequeno totem a ser colocado ao lado da impressora convidando o usuário a colaborar com uma quantia definida por ele mesmo em um recipiente posicionado à frente do totem. O cálculo da contribuição deveria levar em conta papel e tinta gastos, mais uma contribuição para que tivéssemos um fundo destinado a manutenção, além da disponibilidade financeira da pessoa em questão. Com isso, queríamos experimentar o quão sustentável este equipamento poderia ser ao diluirmos seus encargos de forma livre e espontânea com aqueles que desfrutavam dele. Esta ação foi simbólica por representar e iniciar o que viria a ser a maior característica deste projeto: a criação de dispositivos de comunicação e de gestão e principalmente o caráter experimental e vivo que este processo possuiu.

Dando continuidade a nosso experimento, somamos às impressoras diversos outros avisos que agora davam pistas de como o equipamento deveria ser usado, não apenas com pequenos tutoriais, mas com demandas de cuidados, como, por exemplo, desligar a impressora após o uso e cobri-la com a capa. Implementamos uma tabela física disposta à frente das impressoras que convidava quem a utilizava a contar o que estava sendo impresso, qual a tiragem e um espaço para recados sobre o que acharam da experiência. Ademais, colocamos um gráfico no qual mensalmente apresentaríamos quantas folhas tinham sido impressas no Colaboratório, quanto dinheiro havia sido deixado como contribuição e como ele estava sendo utilizado para repor os materiais e garantir a sustentabilidade do sistema.

Com o constante crescimento da procura pela impressora, investimos na aquisição de uma nova unidade e dessa vez decidimos que nós mesmos iríamos *hackear* o equipamento. Com o auxílio de vídeos tutoriais disponíveis na *internet*, nos reunimos e instalamos o reservatório de tinta externa com sucesso. Esta iniciativa daria início a outro braço da nossa experimentação acerca da gestão das impressoras que seria a autonomia sobre a manutenção dos equipamentos. Todos estes dispositivos foram sendo desenvolvidos e experimentados continuamente. O totem com a discriminação dos gastos, por exemplo, teve mais de uma dezena de versões.

Estas atividades que rodearam este único objeto, que era a impressora, servem de exemplo para o que estava sendo desenvolvido no Colaboratório como um todo: experimentos de ferramentas e dinâmicas que pudessem engajar pessoas interessadas e com necessidade de

usufruir de uma oficina de produção gráfica, em um processo de descentralização da gestão de recursos e conhecimentos existentes e necessários para a sustentabilidade deste espaço. Os avisos sobre uso das impressoras se proliferaram para todos os outros equipamentos e se tornaram uma ferramenta de troca de experiências e aprendizados, servindo para que cada usuário do espaço pudesse contribuir somando informações úteis para as próximas pessoas que necessitassem usar aquele equipamento. Eram, também, uma forma de estarmos em coletivo, ainda que não estivéssemos sempre unidos presencialmente.

Voltando para as definições dos *design laboratories*, podemos identificar com esses exemplos diversas consonâncias, a mais relevante possivelmente é de fazer uso da palavra laboratório compreendendo-o como espaço de experimentação e desenvolvimento com ênfase nos processos transparentes, replicáveis e escaláveis. A experimentação está na base da criação do Colaboratório, e é a liberdade de experimentação que possibilita e fomenta a autonomia e descentralização da gestão. Essa relação direta entre experimentação e autonomia pode ser percebida, por exemplo, no fato de os avisos/dispositivos, que comunicavam as formas de uso de cada um dos equipamentos, serem intencionalmente confeccionados manualmente na maioria das vezes, com o objetivo de que estes objetos comunicassem através da estética e materialidade sua possibilidade de sofrer alterações e re-edições.

Sendo assim, a próxima pessoa a interagir com o objeto tinha tanto autonomia por possuir acesso a esta informação compartilhada, quanto por ter a possibilidade de somar mais informações que julgasse necessárias. O próprio movimento de gerar autonomia passava por dar transparência aos processos com o objetivo, em primeira instância, de que eles pudessem ser reproduzidos e ampliados dentro do próprio Colaboratório, mas que em algum momento este movimento pudesse ser expandido e levado para outros espaços que não apenas a oficina gráfica da Esdi. Assim como nos *design laboratories*, o “o que” e o “como” estavam sendo desenvolvidos simultaneamente, não havendo separação temporal dos momentos de projeto, execução e experimentação. Neste processo, o que estava sendo produzido era o próprio Colaboratório, um laboratório colaborativo que desenvolvia um laboratório da colaboração.

Outra grande similaridade pode ser observada na temporalidade dos projetos, na compreensão de que a colaboração torna-se mais eficaz quando estabelecida a longo prazo, com tempo suficiente para estreitar relações e questionar o que está sendo feito junto com quem está fazendo. Porém, apesar de conceitualmente estarmos alinhados na compreensão do tempo, no Colaboratório, diferente dos *design laboratories*, o projeto não possuía um tempo

finito estipulado, assim como os encontros não aconteciam de forma tão premeditada, partindo da disponibilidade de presença de cada indivíduo e dos encontros espontâneos na oficina gráfica, ao invés de *workshops* agendados ao longo de um período. Podemos ainda citar como similaridade a compreensão de que o mais importante desses processos de co-projetar/codesign é o desenvolvimento de uma infra-estrutura que possibilite a continuação da colaboração, e não do objeto em si.

Logo, conceitualmente, tanto o Colaboratório quanto os *design laboratories* exploram campos similares de conhecimento e experiências. Mas é necessário apontarmos, também, para as diferenças e divergências entre as duas propostas, e a principal delas está na origem dos processos de colaboração. Nos *design laboratories*, uma equipe de designers seleciona e propõe atividades a um grupo composto por indivíduos de diferentes origens com um interesse em comum, com o objetivo de os engajar em um processo de codesign. No Colaboratório, um grupo composto por indivíduos de diferentes origens com um interesse em comum, sendo alguns deles designers, se engajaram em um processo de co-criação - e por que não codesign? - de um espaço e das formas como este espaço era desenvolvido diariamente, com o objetivo de engajar mais pessoas nesse processo através dos objetos que produzimos e das relações que estabelecemos.

Dessa forma, a presença de designers no grupo de indivíduos que desenvolveu o Colaboratório não era vital para a existência deste projeto, mas, neste caso, foi inevitável, visto que o projeto ocupava um espaço pertencente a uma escola de design e que tinha vocação pertinente a este grupo profissional. De forma mais simplista, podemos dizer que os *design laboratories* são experimentos que partem do design para pensar colaboração e design, e que o Colaboratório parte da colaboração para pensar colaboração, utilizando um espaço no qual muitos designers circulam e, portanto, incorporando o design como forma de pensar a colaboração.

Retornando à pergunta: o Colaboratório é um *design laboratory*? Podemos responder que não alegando que, por não possuir em sua origem um projeto explicitamente de design ou realizado por designers, ele não se enquadraria nessa denominação. Assim como poderíamos responder que sim, que o Colaboratório é um *design laboratory* visto que apresentava grandes semelhanças com o que os pesquisadores do CODE relatam em suas produções teóricas. Qualquer que seja a resposta à qual chegamos, a riqueza da pergunta inicial está na possibilidade de enxergar consonâncias e dissonâncias entre um conceito que foi desenvolvido em uma

escola conceituada de design na Dinamarca e um projeto prático que surge da combinação entre necessidades e desejos de um grupo de pessoas, que, não ao acaso, também esteve sediado em outra grande escola de design, dessa vez no Brasil.

A relação traçada entre as experiências vividas no Colaboratório e as pesquisas documentadas pelo CODE tem como objetivo iniciar uma reflexão acerca da importância de um projeto como o Colaboratório dentro do campus de um curso de design, dando visibilidade às práticas e reflexões que estavam sendo vivenciadas por este grupo que, apesar de não possuir uma estrutura formal de pesquisa, vinha desenvolvendo e disseminando conhecimento próprio acerca da colaboração, gestão compartilhada e meios e métodos de produção gráfica como forma de contribuir para que a produção gráfica em si pudesse ser acessível.

Como resultado destas primeiras reflexões obtive como resultado, além das constatações acima citadas, caminhos a serem explorados como continuidade desta pesquisa. Observar o Colaboratório como um laboratório que promove pesquisa nos auxilia a compreender este projeto como uma iniciativa que, para desenvolver esta pesquisa sobre os meios e métodos de produção gráfica, promove experiências ricas de aprendizado entre todos os que se engajam nele através de processos de colaboração.

Logo, podemos destacar dois campos de relevante importância a serem desenvolvidos para que possamos ampliar nosso entendimento acerca da experiência proposta no Colaboratório. São eles: educação e colaboração. Estes dois conceitos estão intrinsecamente ligados no que diz respeito a esta iniciativa, sendo um a força motriz do outro e vice-versa. Portanto, ao longo do próximo capítulo iremos explorar como esta colaboração e estes processos de aprendizagem se deram no ambiente da oficina gráfica da Esdi.

## 2 COMO SURTIU O COLABORATÓRIO?

O projeto intitulado Colaboratório fez parte de um fluxo de algumas experimentações prévias que serviram de inspiração e concatenação de pessoas e desejos que, mais tarde, dariam forma ao projeto. Logo, antes de podermos falar do Colaboratório é relevante olharmos rapidamente para o que o antecedeu.

Em 2012 deu-se início a Suco, um projeto de publicações realizadas em mutirão por um grupo de amigos e conhecidos de diversas áreas de atuação, mas que possuíam de alguma forma interesse e/ou envolvimento com trabalhos artísticos. Com formação cambiável de participantes, o grupo se encontrava em uma data combinada para criar material gráfico e textual acerca de um tema escolhido. Cada edição tinha um tema pré-estabelecido através de um grupo no *facebook* e, a partir desses temas, lá eram depositados variados materiais relacionados, como: imagens e recortes de textos colhidos na *internet*, fotos, desenhos e textos criados pelos participantes para que tivéssemos material inicial nos encontros. Uma data e local eram escolhidos para a execução do exemplar - normalmente a casa de algum dos participantes - e para lá eram levados uma impressora multifuncional jato de tinta hackeada, máquina de escrever, tesouras, papéis, cola, uma câmera fotográfica, material de desenho e outros que pudessem dar suporte à produção.



Foto 1: capa de exemplar da Suco



Foto 2: miolo exemplar da Suco



A metodologia para a produção das gazetas era a seguinte: os participantes se encontravam no local e hora marcados previamente e o encontro só terminava quando tivessem o exemplar completo produzido, restando apenas ajustes finos do fechamento dos arquivos para impressão; o conteúdo era produzido utilizando recursos simples de diagramação primordialmente analógicos, o computador apenas era utilizado para ajuste de cores, melhoramento da leitura dos textos e intermediação da impressão. O conteúdo de toda a gazeta era de autoria comum e estava passível de alteração por qualquer participante a todo momento do processo. Também não havia compromisso com informações “verídicas”, toda a produção acontecia a partir e em decorrência da relação estabelecida entre os participantes ao longo do dia de produção. Os exemplares produzidos no período eram distribuídos através da troca não monetária e espontânea dos interessados.

Em 2013 foi aberta a Casa 248, projeto de atelier aberto ao uso comum de quem estivesse interessado em usufruir do espaço. A casa era compartilhada por diversos integrantes que a utilizavam como espaço de trabalho para onde levaram seus materiais e ferramentas pessoais. Ao entender que o uso restrito aos responsáveis pelo espaço não atingia o potencial produtivo desses equipamentos, optamos por abrir a casa para que mais pessoas pudessem usufruir de sua estrutura e colaborar com a sua sustentabilidade monetariamente ou auxiliando na manutenção e organização do espaço sempre de forma espontânea, não havendo preços ou demandas fixadas. A casa abrigava ambientes distintos que acolhiam vocações diferentes de equipamentos e materiais: um quarto de costura, um de processos gráficos, uma pequena oficina com equipamentos de marcenaria e joalheria e ainda dois espaços livres para usos diversos.



Foto 1: fachada da Casa 248



Foto 2: sala de impressos da Casa 248

Algumas das últimas edições da SUCO foram realizadas na Casa 248 e, com isso, André - o então proprietário da impressora que viabilizou todas as impressões das revistas -, interessado em um espaço para dar continuidade a suas experimentações, tornou-se também membro da Casa 248. Esta impressora, que atende pelo nome de Manuela, não é uma impressora comum, ou melhor, é uma impressora comum, porém *hackeada*. O mesmo *hack* que mais tarde seria incorporado pelo Colaboratório, viabilizando o esquema de impressão a baixo custo. Com a chegada de André e Manuela à Casa 248, começamos então a experimentar o compartilhamento da impressora com aqueles interessados em utilizá-la.

Para funcionar, uma impressora precisa de papel, tinta e energia, bem como uso e manutenção adequados. Assim, para que a Manuela pudesse ser compartilhada, precisávamos que todos estivessem cientes dos custos e cuidados para manter o equipamento funcionando.

Para isso, tivemos que, primeiro, investigar o quanto de tinta era consumido em cada tipo de impressão para que fosse possível que cada usuário conseguisse autonomamente calcular o quanto precisava contribuir com material; calcular o valor da folha de papel; criar material visual que comunicasse como deveria ser o uso da máquina e que desse transparência aos gastos do uso individual; criar um “caixa” no qual as pessoas pudessem deixar suas contribuições sem a necessidade de um intermediário. Tudo isso foi produzido sem preocupação de que estivessemos fazendo algo finalizado e completo, a ideia era que, com o tempo, todo este conteúdo pudesse ser atualizado conforme fôssemos ganhando mais experiência e conhecimento acerca da impressora e desse sistema de cuidado compartilhado dela.

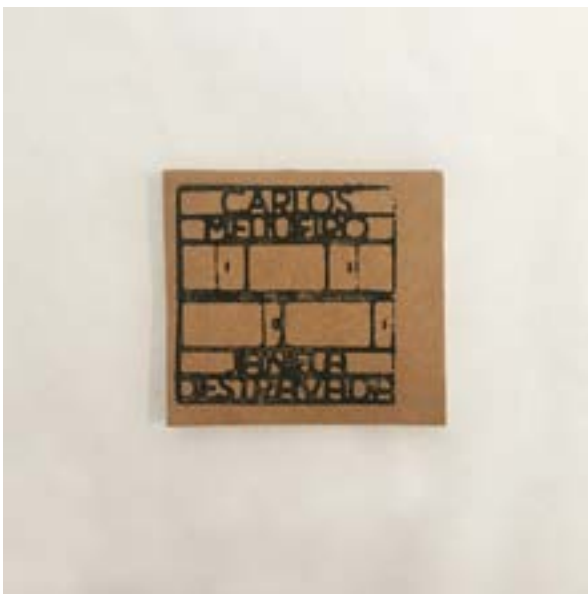
Com o passar do tempo, alguns projetos foram realizados e outras diversas pessoas utilizaram e contribuíram para a existência do sistema da impressora, quando então surgiu a possibilidade de realizarmos um projeto um pouco mais complexo: a publicação de um livro independente, inteiramente realizado – desde a edição do texto até a venda – de forma horizontal e em mutirão, ou seja, todo o processo de feitura e distribuição do livro seria aberto para quem quisesse participar.

O livro em questão era o “Janela Destravada”, de Carlos Meijueiro. Para viabilizar sua confecção inventamos uma *crowdrifa*, ou o que seria uma venda antecipada, na qual cada pessoa comprava um exemplar escolhendo o valor com que poderia contribuir para o projeto. Com R\$15,00 pagava-se material, mão de obra da encadernação e investia-se na infraestrutura da Casa 248. Qualquer quantia acima desse valor ajudaria a produzir livros excedentes para serem vendidos posteriormente. A pré venda teve grande êxito e conseguimos garantir a circulação de

mais de cem exemplares e a produção excedente de muitos outros.

Iniciamos o processo de produção do livro com a edição dos textos, que já tinham sido escritos pelo Carlos, em reuniões abertas nas quais os integrantes debatiam como seria formatado o livro. Foram diversas reuniões como estas para que finalmente fossem escolhidos todos os textos e a ordem em que se apresentariam no produto final. O grande desafio nesta etapa era a inconstância dos participantes na sequência de encontros que foram necessários para realizá-la. Logo, se na primeira reunião tínhamos dez pessoas presentes e na segunda tínhamos doze, porém apenas três que estiveram presentes na reunião anterior, acabávamos tendo um grande trabalho de recontar tudo o que já havia sido feito, ou apenas reinventávamos um novo começo. Em paralelo à edição dos textos, também estávamos desenvolvendo o projeto gráfico do livro, dando atenção sempre ao que seria viável de ser executado manualmente com as ferramentas e conhecimentos que tínhamos.

Com textos editados, projeto gráfico concluído e arquivos fechados demos início aos mutirões de encadernação. Assim como em todos os outros processos, os encontros eram marcados e divulgados para que qualquer pessoa interessada pudesse participar e colaborar. Porém, para os mutirões de encadernação tínhamos uma contribuição em dinheiro para aqueles que nos ajudassem a produzir os livros, diferente das etapas anteriores em que o trabalho foi todo realizado voluntariamente.



Livro Janela Destravada

Foram diversos encontros para que pudéssemos finalizar a encadernação de todos os exemplares, dos quais aperfeiçoamos o formato e os procedimentos adotados nesses dias de produção. Visto que eram poucos os participantes que já haviam tido qualquer experiência com encadernação, os encontros se caracterizaram como grandes *workshops* remunerados e produtivos, em que se poderia ir voluntariamente, aprender novas habilidades, aperfeiçoar o seu fazer, contribuir para o aperfeiçoamento do fluxo de produção, receber um pagamento por isso e voltar no encontro seguinte e colaborar, ensinando a quem estivesse chegando pela primeira vez.

Em 2016, Zoy Anastassakis havia assumido a direção da Esdi. Nossa relação teve início em meados de 2010, quando ela dava aulas na PUC-Rio, onde eu realizava minha graduação em design, se estendendo para diversas iniciativas de pesquisa coordenadas por ela, com destaque para o LaDA - Laboratório de Design e Antropologia da Esdi - no qual sou integrante desde sua criação e permaneci enquanto aluna de mestrado. Sabendo do trabalho que estávamos desenvolvendo na Casa 248, ela me fez um convite para pensar alguma proposta para utilização da oficina gráfica da escola. Esta encontrava-se com pouco ou quase nenhum uso há aproximadamente quatro anos, em consequência da ausência de um técnico responsável pelo espaço.

Para uma conversa inicial sobre as possibilidades para o espaço estávamos eu e Carolina Secco - participantes da Suco, fundadoras da Casa 248, umas das responsáveis pela idealização e execução da abertura da casa a terceiros e do compartilhamento das ferramentas e materiais - e André Aranha - participante da Suco, dono da impressora compartilhada e integrante da Casa 248. Na Esdi encontramos dois alunos da graduação, Daniela Tinoco e Nickolas Borba, que também se engajaram em pensar em como seria possível re-habitar esse espaço, e então formamos um grupo de cinco pessoas que começaram a frequentar semanalmente a oficina. Para nossa surpresa, apesar de um pouco bagunçado, o espaço já possuía todas as condições necessárias para uso, todas as máquinas estavam funcionando ou necessitando de pequenos reparos para tal e já havia muito material disponível. Da Casa 248 trouxemos duas impressoras *hackeadas*, ferramentas pequenas e mais material de papelaria.

Após alguns encontros em que nos dedicamos principalmente à limpeza e organização do espaço da oficina, bem como à investigação das possibilidades produtivas que ela apresentava, começamos a moldar qual seria nossa proposta para a reativação do espaço. Esta proposta estava ancorada principalmente em um conceito simples: para que mais pessoas se

interessassem em usar um espaço, o espaço precisava estar sendo usado. A nossa hipótese era de que se começássemos a habitar a oficina regularmente e fazer dela um espaço produtivo, mais pessoas iriam perceber que aquele espaço estava aberto para uso e, assim, despertaríamos seu interesse de participação.

Junto à esta ideia, somamos o desejo de dar continuidade aos experimentos que vinham sendo testados na experiência da Casa 248 e da publicação do livro “Janela Destravada”, ou seja, experimentar como seria possível criar mecanismos de cuidado compartilhado acerca das ferramentas e materiais disponíveis no espaço e também de processos produtivos viabilizados através de mutirões de compartilhamento de saberes. Tais diretrizes iam ao encontro da necessidade de suprir a demanda da ausência do técnico responsável pelo espaço através da horizontalização e compartilhamento dos fazeres que antes eram acumulados neste cargo.

Tal iniciativa foi nomeada Colaboratório. Um laboratório de colaboração com o desejo de entender como era possível manter o espaço da oficina gráfica em uso a partir da mobilização de todos os interessados. Todo o processo de compreensão e entendimento acerca das atividades que fazíamos e sobre o que gostaríamos de propor ocorreu de forma espontânea através do diálogo deste grupo engajado ao longo dos encontros semanais na oficina gráfica. Nestas conversas eram sempre explicitados nossos desejos pessoais, nossas possibilidades de engajamento e, ainda, uma tentativa de vislumbrar o que disso tudo poderia ser relevante para a universidade.

A partir do entendimento desses objetivos, em maio de 2016 foi gerado um documento, idealizado por esse grupo de cinco integrantes, que assinalava nossas intenções futuras:

Objetivo geral:

Tornar o laboratório gráfico um espaço de experimentação e produção utilizado por alunos e comunidade (como comunidade entendíamos todas as pessoas que não tem vinculação institucional com a Esdi e que tinham interesse de desfrutar do espaço).

Objetivos específicos:

Tornar abertos os processos produtivos que ocorrem dentro do laboratório.

Espaço de troca de conhecimentos, de experimentação e ensino.

Dar visibilidade aos modos de uso e de fazer próprios das ferramentas e recursos encontrados no laboratório através do desenvolvimento constante de material visual (cartazes, encartes, manuais). Entendendo que este conhecimento se expande na medida em que o praticamos, este material será passível de constante manutenção e aprimoramento. Tais peças

serão disponibilizadas fisicamente no laboratório e digitalmente com o intuito de disseminar tais conhecimentos.

A vivência de aprendizado também será disponibilizada através da troca pessoal entre o grupo que estará ocupando o laboratório e a comunidade.

2. Tornar as máquinas disponíveis ao uso de alunos e comunidade, contando com financiamento espontâneo de seus usuários para garantir a sustentabilidade do projeto.

Visibilidade, uso compartilhado, manutenção, transparência e corresponsabilidade dos custos.

Explorar o potencial produtivo dos equipamentos disponíveis no laboratório, que no momento encontram-se subutilizados devido à baixa frequência de uso desse espaço. Para isso, os equipamentos estarão disponíveis não apenas aos alunos e funcionários da escola, como também a toda a comunidade.

Para que tal abertura seja viável sem causar maiores encargos para a instituição serão encorajados uso e colaboração conscientes. Para isso, procedimentos e gastos de manutenção demandados dos equipamentos serão demonstrados com transparência.

3. Tornar transparentes para toda a comunidade os gastos, os ganhos e o tempo de trabalho dos envolvidos, de modo a incentivar a corresponsabilidade financeira.

Instalar no laboratório um mural de prestação de contas dos gastos e dos ganhos financeiros e dos esforços dispendidos no projeto.

Criar um mural que ficará exposto no laboratório, no qual estarão visíveis informações como: gastos com materiais, manutenção das máquinas, dinheiro arrecadado, tempo de trabalho dedicado por cada colaborador, etc.

Este mural tem como objetivo gerar transparência sobre a gestão do espaço para que haja consciência coletiva. Serve também como ferramenta para que os usuários possam calcular suas contribuições.

4. Investigar através da prática processos produtivos coletivos, economicamente autossustentáveis e com fins pedagógicos.

Queremos ficar investigando e aperfeiçoando os processos produtivos, de maneira financeiramente sustentável, e ao mesmo tempo aberta e inclusiva.

Os próprios processos se fazem motivo de pesquisa, uma vez que entendemos como este laboratório é vivo e enxergamos o seu potencial em gerar coletivamente novos saberes a partir da troca das pessoas que por ali passam.

5. Criar e difundir um acervo memorial de peças produzidas no Colaboratório.

Disponibilizar um acervo memorial para consulta. Além disso, criar um panorama vivo do que está sendo produzido nesse espaço, tornando visíveis tendências, técnicas e estilos referentes a cada período.

6. Registrar os conhecimentos reunidos em manuais e tutoriais para criar uma memória de referência e incentivar a cultura da autonomia e do conhecimento livre.

Desenvolver e incentivar o hábito do registro e compartilhamento de saberes específicos daqueles que usufruem do espaço, com o objetivo de criar uma rede de conhecimento livre e autônoma.

7. Oferecer ações com foco em atrair alunos e comunidade para começar a frequentar o espaço do colaboratório.

Produzir eventos pontuais ou de curta duração, como oficinas, palestras, *workshops*, feiras e outros, como forma de demonstrar as várias maneiras de ocupar e usufruir desse espaço.

André Aranha, Carolina Secco, Daniela Tinoco, Nickolas Borba e Roberta Guizan.

Abril de 2016

Este documento traz as intenções iniciais do projeto, que na época era idealizado por esse grupo de cinco pessoas. Tais diretrizes de fato guiaram os acontecimentos seguintes, mas podemos dizer que a principal característica deste projeto foi sua abertura para lidar com as demandas reais do dia-a-dia deste espaço e, portanto, sua estrutura era mutável e negociada constantemente por aqueles que o estiveram construindo em um processo de colaboração constante.

Segundo Sennett (2012), colaboração pode ser definida como uma troca na qual os participantes se beneficiam do encontro. Ou ainda como uma habilidade de se compreender mutuamente e responder às necessidades uns dos outros agindo conjuntamente. Essa troca pode ser de natureza variada (tempo, cuidado, experiências, habilidades) e os benefícios gerados nesses encontros podem ser lidos como um valor compartilhado. Assim coloca Manzini (2015): cada colaboração tem um cerne, e este é o encontro colaborativo no qual duas ou mais pessoas se unem e interagem com o intuito de fazer algo que reconhecem como um valor.

Manzini (2015) em seguida nos apresenta o seguinte questionamento: Por que as pessoas devem optar por fazer parte de tais encontros? Para esta pergunta ele nos apresenta algumas possibilidades de resposta indicando que estas irão variar de caso a caso e não podem ser limitadas apenas às possibilidades expostas em sua obra. Para a presente pesquisa irei me

ater a uma destas respostas que apresenta um caminho interessante para traçarmos comparações com a experiência vivida no Colaboratório.

Um número crescente de pessoas por todo o mundo está abandonando seus estilos de vida passivos e individualistas e se direcionando para modos de vida e trabalho mais ativos e colaborativos baseados na simples, porém revolucionária, ideia de que pessoas também podem ser consideradas e, principalmente se considerar, como recursos (*assets*). Aqueles que tradicionalmente eram considerados como “pessoas com problemas”, ou usuários, podem então ser reconhecidos como pessoas com capacidades, habilidades, co-projetistas, ou seja, pessoas com conhecimento, tempo e energia que podem contribuir com a concepção de um serviço e, mais importante, com sua produção e entrega diários (Manzini, 2015).

#### A motivação de cada um

Em uma tarde na sala da direção, no final de março de 2018, alguns zeladores se encontram com Zoy, que ocupava, então, o cargo de diretora da Esdi, para conversar sobre o Colaboratório. Com uma pergunta inicial ela dá início a conversa.

— O que é o Colaboratório e qual a sua motivação em participar dele?

Zeladores se olham, buscando entender quem começaria a falar. Risadinhas nervosas. Expressões pensantes. Lentamente algumas respostas começam a ser formuladas por cada um dos zeladores presentes, com palavras diferentes algo em comum surge desse diálogo.

— Gosto de estar em um lugar que teoricamente estaria em desuso mas que, com a força de um monte de gente, consegue estar aberto de novo.

— Experimentar frequentemente como que a gente consegue abrir o conhecimento de tudo que envolve esse negócio que está lá, que é a produção gráfica.

— Eu estou lá para inventar e para descobrir.

— Aprender o que é trabalhar junto e como a gente consegue fazer do “junto” uma potência para que seja possível o trabalho.

— Normalmente, eu vou muito pelos afetos que circulam por lá e os interesses. Eu vou pelas pessoas que eu gosto de fazer coisas com.

— O Colaboratório é um espaço de troca, de fazer junto e de experimentação.



São as coisas que eu mais gosto de lá: de estar fazendo alguma coisa e de repente aparecerem outras pessoas interessadas. Do nada a gente está trocando. Às vezes eu ensino alguma coisa, às vezes alguém me ensina outra, e aí a gente consegue trabalhar junto. Eu acho que eu gostei do espaço, eu gostei das pessoas e continuei. Quando eu deixar de gostar eu vou parar, por enquanto está ótimo.

— Acho que o Colab é muita coisa, talvez isso seja a única característica fixa dele. Ele é muita coisa e às vezes ele deixa de ser umas, ele está sempre mudando e é meio difícil dizer o que é o Colab. Acho mais fácil listar umas coisas que ele pode ou não ser: um espaço colaborativo de produção gráfica; um espaço de estar junto e fazer junto; um modelo de escola diferente do que existe por aí e que eu, pessoalmente, sou bem mais favorável; um modelo de produção, não só de produção gráfica, mas de produção generalizada, que eu sou mais favorável do que o que está por aí; e um laboratório, né? É, também, um lugar que a gente descobre como fazer essas coisas: como fazer essa escola ideal existir, como fazer esse modelo de produção que é diferente do hierarquizado, como fazer esse espaço funcionar. Ele é cada uma dessas coisas e é também um laboratório para descobrir como fazer essas coisas.

Analisando as respostas dadas pelos zeladores presentes nesta reunião podemos notar que estes expressam compreensões, valores e motivações que corroboram a resposta que Manzini se dá a sua própria questão. Eles expressam em suas falas o desejo de participar de um espaço colaborativo ao compreenderem a potência que existe nesta experiência, ao compreenderem que as pessoas que se dedicam a este projeto são elas mesmas os recursos que viabilizam sua existência. Estes indivíduos que poderiam ser vistos como pessoas com problemas (alunos sem acesso a uma oficina da faculdade, autores sem acesso a meios de produção viáveis, criadores sem acesso a ferramentas e espaços produtivos e interessados sem acesso a conhecimentos específicos), se percebem como pessoas com capacidades para transformar suas realidades, como co-projetistas deste projeto chamado Colaboratório.

Retomando a pergunta e a resposta expostas por Manzini, mas sob a luz das vivências específicas do Colaboratório, podemos dizer que neste projeto a “moeda de troca” e o valor compartilhado não podem ser reduzidos a um único item e nem ao menos serem concluídos como uma listagem de diversos itens. A especificidade deste projeto no qual os indivíduos colaboram está expressa em seu nome: Colaboratório.

O Colaboratório é um experimento de gestão compartilhada. Iniciativa de um grupo que busca vivenciar a oficina gráfica como espaço de experimentos de colaboração aberta.

Co - elemento com o sentido de companhia, concomitância, simultaneidade.

labor - trabalho.

tório - lugar resultado da ação.

laboratório, “lugar de trabalho”.

Colaboratório lugar de trabalhar junto.

Colaboratório laboratório de colaboração.

O co é um prefixo, o co é fixo previamente para que o trabalho, o lugar de trabalho se estabeleça. Um lugar de trabalhos concomitantes, paralelos, que acontecem simultaneamente. Espaço de trabalho em companhia, com companhia, espaço simultâneo de trabalho e companhia.

O nome Colaboratório pré-define a premissa do projeto: fazer juntos, colaborar. Não é apenas uma definição, é uma aposta, aposta de que a potência do juntos nos permitiria transpor as dificuldades com que nos deparássemos, ampliando nossas possibilidades.

Este nome que carrega tantos importantes significados não foi no entanto pré-estabelecido, ou seja, o título não precede a vivência, mas surgiu a partir da observação da experiência que já se estabelecia no espaço da oficina gráfica. Na percepção de que nós mesmos éramos recursos valiosos e suficientes para a reativação daquele espaço, de que o que estávamos propondo a experimentar eram formas deste coletivo de pessoas - que inclui não apenas os zeladores, mas também todas aquelas que estão desfrutando da oficina gráfica como espaço produtivo - criar as condições necessárias para que todos possam contribuir para a sustentabilidade do sistema e ainda para o constante desenvolvimento de conhecimentos acerca dos meios e métodos de produção gráfica. Um projeto colaborativo que visa desenvolver, principalmente, formas de colaborar.

De forma individual nenhum animal social pode assegurar sua subsistência e, portanto, podemos observar como um fator constante de todas essas espécies a colaboração. É comum direcionarmos nossos pensamentos a espécies como as formigas ou abelhas ao tentar exemplificar tal comportamento, porém, não há indícios de nada no cérebro de uma formiga que represente uma cópia da ordem social (Hólldobler, Wilson *apud* Sennett, 2012), mas sua incompletude individual é um fundamento da vida dos insetos sociais, ou seja, o domínio do meio ambiente desses insetos é resultado da conduta de um grupo cooperativo. Estes compensam sua insuficiência individual com a divisão do trabalho, executando pequenas tarefas distintas

resultando na potência do grupo.

Esta característica é comumente comparada ao trabalho que desenvolvemos em nossas fábricas, mas faz-se relevante destacar uma disparidade nesta comparação. Diferente da divisão de trabalho encontrada nas fábricas, nas quais existe uma segmentação de tarefas fixas bem estipuladas para cada indivíduo, nas estruturas sociais destas espécies a divisão ocorre de forma mais flexível em contraste com a rigidez das fábricas. Se um animal fica ferido ou acaba morrendo, outros membros da comunidade, através do seu código genético rico, se encarregam temporariamente de suas tarefas. Tal flexibilidade é de extrema importância visto que o meio ambiente em si está em constante processo de mudança.

Um projeto de gestão compartilhada, como se propõe o Colaboratório, para obter sucesso deve promover um sistema de colaboração próximo ao que observamos nas colmeias e formigueiros, compreendendo que as pessoas interessadas na existência sustentável deste espaço produtivo são individualmente insuficientes para prover os recursos e condições do mesmo, necessitando que haja a divisão do trabalho, que será executado em pequenas tarefas distintas e apostando na potência gerada pelo grupo. E, principalmente, compreender essa divisão de trabalho como algo flexível e não dependente da setorização específica que estamos habituados em espaços de produção como as fábricas. Para que a oficina gráfica permaneça aberta e em funcionamento, é preciso que os indivíduos que a frequentam, e, portanto, a gestionam, sejam capazes de atuar, desenvolvendo todas as diferentes tarefas necessárias para esta abertura, compreendendo que a presença de cada um destes envolvidos não será necessariamente recorrente ou duradoura.

Espaços produtivos como a oficina gráfica da escola não são comuns na cidade e, os poucos existentes, apresentam acesso limitado, comumente servindo a pequenas comunidades, como no caso das oficinas exclusivas das universidades. Outros se estabelecem como espaços prestadores de serviço, como gráficas de pequeno, médio e grande porte e *fablabs* ou oficinas que alugam ferramentas e espaço, mas que, ainda assim, apresentam um valor econômico não condizente com a realidade financeira de parte expressiva dos interessados em acessar estes meios de produção.

Assim que iniciamos o projeto na oficina gráfica, a Uerj, e portanto a Esdi, se encontrava em um período de grande dificuldade devido ao contexto de crise política que se manifestava intensamente nas estruturas de educação do Estado do Rio de Janeiro, com atrasos sistemáticos de pagamentos não apenas dos professores, como das equipes técnicas, terceirizados e

bolsistas que geraram greves e, por fim, a paralisação das aulas de todas as unidades. Devido à compreensão da não existência das condições mínimas necessárias para que as atividades da escola pudessem ocorrer, ela se encontrava esvaziada. O próprio convite para idealização de possibilidades de uso da oficina se deu como parte de diversas iniciativas que buscavam manter este espaço vivo e ativo. A oficina gráfica, em específico, apresentava um quadro mais extenso de esvaziamento devido principalmente à ausência de corpo técnico responsável, decorrente de cortes orçamentários realizados a cerca de quatro anos que antecederam o início do Colaboratório.

Com a demissão do corpo técnico responsável pela manutenção do espaço e ferramentas e do acolhimento e auxílio a professores e alunos uma lacuna foi criada causando um quadro próximo à inutilização da oficina. Conhecimentos específicos sobre o trato e cuidado com as máquinas, antes centralizados nos técnicos, agora não estavam mais facilmente acessíveis. A mesma cultura que observamos em organizações de trabalho, em que indivíduos ou equipes são isolados em suas funções, omitindo informações importantes dos demais, também pode ser observada nas atuais organizações de ensino, nas quais a ausência de um indivíduo ou grupo específico acaba por dificultar ou até inibir a continuidade das atividades pelas quais eram responsáveis.

O modelo de gestão compartilhada, observado no Colaboratório, investe principalmente na descentralização dos saberes necessários para a sustentabilidade do espaço. Esta descentralização, ou como os frequentadores gostam de chamar de “abertura das caixas pretas” é crucial para gerar autonomia individual, possibilitando que cada pessoa consiga atuar em todas as frentes necessárias para que a oficina permaneça aberta. Poderíamos retornar à estrutura social das formigas e abelhas e dizer que esta descentralização atua similarmente ao código genético de cada um desses insetos, possibilitando um sistema de colaboração flexível, no qual a ausência de um indivíduo é assimilada pela flexibilidade dos outros.

Tal descentralização, no entanto, não é facilmente conquistada, visto que individualmente nenhuma das pessoas envolvidas possuía todos os saberes necessários para o funcionamento da oficina e, ainda, em maioria, não possuíam experiência com projetos similares de gestão compartilhada. No Colaboratório, a descentralização desses saberes era um esforço de trabalho diário de todos aqueles que o frequentavam, fosse ao colocarem à disposição os seus próprios saberes, ou ao se dedicarem na apreensão de outros diversos, ainda que estes não sejam de interesse imediato pessoal.

Mas como podemos ter diversas pessoas que consigam dar conta das diferentes demandas do espaço da oficina gráfica se não temos, nem individualmente, nem como coletivo, os conhecimentos e experiência necessários para tal? O Colaboratório recebia as mais diversas pessoas, que o visitavam com distinta frequência, mas em todos os momentos havia um grupo de pessoas mais dedicadas ao projeto que serviam de referência para o desenvolvimento e compartilhamento desses conhecimentos, ainda que tendo grande variação de participantes de acordo com a disponibilidade e interesse destas pessoas. Estas pessoas eram peças fundamentais para a flexibilização dos papéis desenvolvidos por cada indivíduo que frequentava a oficina gráfica, visto que possuíam maior disponibilidade para acompanhar as descobertas que ocorriam neste espaço e se engajavam na disseminação das mesmas, possibilitando maior facilidade de outras pessoas em assumirem responsabilidade pelo uso e manutenção dos equipamentos e, conseqüentemente, poderem usufruir com maior autonomia desta infra-estrutura.

Com alguns meses de existência do projeto, surgiu a indagação de como iríamos chamar estas pessoas que estavam mais envolvidas com o Colaboratório, ou seja, essas pessoas que estavam com frequência e que se disponibilizavam para a organização e desenvolvimento constante do espaço. Este questionamento surgiu em consequência de uma situação recorrente na qual pessoas que desconheciam o projeto, ao chegar à oficina gráfica, perguntavam quem estava à frente da iniciativa, ou de quem tinha sido a ideia desse novo modelo de funcionamento.

Estas perguntas traziam à tona definições que eram de grande importância para o entendimento das intenções que havíamos estipulado desde o início do Colaboratório. Ainda que houvessem pessoas mais engajadas ou mais assíduas era importante para o projeto que as polarizações fossem minimizadas, no sentido de que se o nosso objetivo era de um uso e responsabilidade coletivos, a presença de lideranças expressivas enfraqueceriam e desincentivariam a força do grupo. Similarmente, a ideia de autoria também gerava uma falsa ideia de cristalização do projeto, possivelmente desmotivando a contínua criação do que este poderia vir a ser.

Sendo assim, o termo zeladores surgiu pela vontade de deixar claro que a ligação destas pessoas com o espaço era de zelo, e nos distanciarmos de definições que acabassem por gerar hierarquias estáticas, noções de pertencimento e despertencimento ou ainda de propriedade. Um zelador do Colaboratório era qualquer pessoa que compreendesse que zelava pelo projeto, não havia um sistema de nomeação destas pessoas.

O grupo de zeladores do Colaboratório, então, era um grupo heterogêneo com alunos

e não alunos da Esdi, que se compreendiam como responsáveis e usuários da oficina gráfica e do desenvolvimento contínuo de futuros desejados deste espaço. A configuração deste grupo era mutável e variava conforme a disponibilidade e necessidade de cada um em estar presente no espaço. Algumas pessoas estiveram presentes desde o início do projeto, outras tiveram participações intensas mas pontuais, as relações de pertencimento eram estabelecidas de acordo com cada indivíduo.

Porém, vale ressaltar que a escolha do termo zeladores e o que isto significava para o projeto não foi uma tentativa de minimizar a importância do movimento realizado por estas pessoas que, de fato, foram pioneiras e tornaram possível o acontecimento de muitas das iniciativas realizadas na oficina gráfica, mas, sim, uma estratégia para que este movimento pudesse ser melhor distribuído e realizado por pessoas distintas. Não é a negação da existência de pessoas que iniciavam ou incentivavam as ações acontecerem, mas o desejo de que essas pessoas não fossem sempre as mesmas.

Neste capítulo, conseguimos compreender melhor a origem do movimento iniciado na oficina gráfica da Esdi como a continuação de um fluxo de iniciativas que experimentavam a colaboração como meio de viabilização de desejos compartilhados, sendo um deles o próprio desejo de desenvolver projetos em colaboração. A seguir, iremos compreender melhor como se davam estes processos de colaboração no dia-a-dia do Colaboratório e como estes implicavam na criação de um espaço para o desenvolvimento e obtenção de conhecimentos.

### 3 Colaboratório como plataforma de colaboração e educação

As impressoras compartilhadas na oficina gráfica nos ajudam a contar boa parte do que aconteceu no Colaboratório, enquanto experimento de gestão compartilhada e espaço de disseminação dos meios de produção gráfica. Logo no início do projeto, essas ferramentas foram as primeiras a serem somadas ao acervo pré-existente da oficina e rapidamente tornaram-se o grande foco de atenção, não apenas do grupo que estava engajado com o projeto, mas para diversas pessoas dos mais variados perfis: zineiros, artistas plásticos, alunos desenvolvendo projetos gráficos, alunos imprimindo textos acadêmicos e até mesmo impressões de contas e xerox de documentos.

As impressoras compartilhadas eram máquinas comuns, modelos domésticos encontrados facilmente no mercado. Para diminuir os custos despendidos com tais equipamentos, nós hackeamos o sistema de alimentação de tinta dos cartuchos, ou seja, ao invés de trocarmos os cartuchos todas as vezes que a tinta deles acabavam, nós conectamos uma pequena mangueira a cada um deles fazendo a ligação com reservatórios externos contendo um volume maior de tinta. Esta alteração permite a compra das tintas em quantidade, o que diminui expressivamente o seu custo.

O grande e crescente interesse no uso destas impressoras estava atrelado a alguns fatores, dentre eles a demanda significativa por parte do curso de desenho industrial em apresentar trabalhos impressos; a ausência de outras máquinas disponíveis e funcionais dentro do campus e, ainda, um grande interesse de um público que produz impressos independentes e enxergava no Colaboratório uma alternativa mais viável de produção de seus projetos pessoais. Para que estas pessoas pudessem ter acesso e autonomia no uso destes equipamentos, resgatando a experiência prévia que tivemos com as impressoras abertas da Casa 248, iniciamos experimentos de como poderíamos garantir esta abertura.

Somado aos esforços individuais de comunicar pessoalmente a todos que encontrávamos no ambiente da oficina sobre o projeto, a primeira iniciativa para tornar claro para os frequentadores do espaço que aquelas impressoras estavam abertas ao uso e apresentar como esse uso poderia acontecer de forma consciente e sustentável se materializou na construção de um pequeno objeto de papelão autoportante que ficava disposto ao lado das impressoras com um texto que as apresentava e dava transparência dos custos dos materiais necessários para a impressão (papel, tinta e manutenção do equipamento).



Foto 1: reservatório externo de tinta das impressoras *hackeadas*

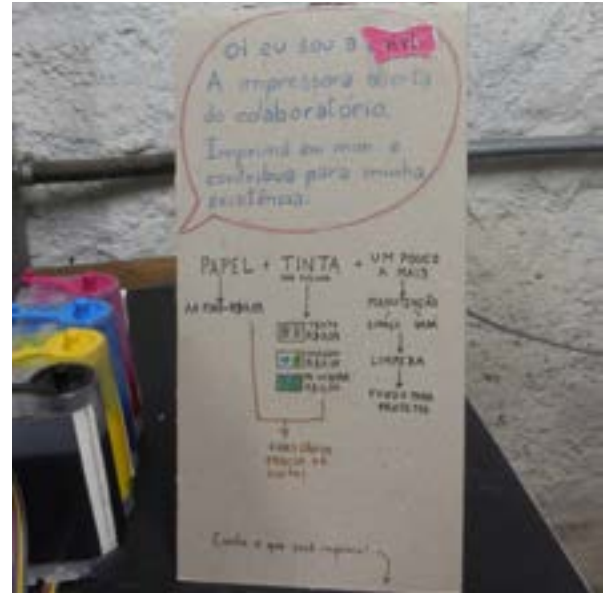


Foto 2: objeto de papelão com instruções de uso da impressora

Junto a este artefato com os custos, disponibilizamos um pequeno cofre no qual deveriam ser depositadas as contribuições monetárias relativas ao uso do equipamento e materiais. O cálculo do valor a ser deixado no cofre devia levar em conta os materiais gastos (papel e tinta), uma contribuição para que tivéssemos um fundo destinado a manutenção e a disponibilidade financeira da pessoa em questão. Com isso, queríamos experimentar o quão sustentável este equipamento poderia ser ao diluirmos seus encargos de forma livre e espontânea com aqueles que desfrutavam dele. Esta ação é simbólica por representar e iniciar o que viria a ser a maior característica deste projeto: a criação de dispositivos de comunicação e compartilhamento da gestão e, principalmente, o caráter experimental e vivo que este processo possui.



Cofre para contribuições das impressoras



Dando continuidade a nosso experimento, levando em conta a observação do uso que estava ocorrendo, somamos às impressoras diversos outros avisos que agora davam pistas de como o equipamento deveria ser usado, não apenas com pequenos tutoriais, mas com demandas de cuidados como, por exemplo, desligar a impressora após o uso e cobri-la com a capa. Implementamos, também, uma tabela física disposta à frente das impressoras que convidava quem a utilizava a contar o que estava sendo impresso, qual a tiragem e um espaço para recados sobre o que acharam da experiência, para trazer maior transparência a variedade de impressos que estava sendo produzido, bem como sua frequência e quantidades. Ademais, colocamos um gráfico no qual apresentávamos um balanço mensal de quantas folhas tinham sido impressas no Colaboratório, quanto dinheiro havia sido deixado como contribuição e como ele estava sendo utilizado para repor os materiais e garantir a sustentabilidade do sistema. Todos estes dispositivos estavam sendo desenvolvidos e experimentados continuamente. O totem com a discriminação dos gastos, por exemplo, teve mais de uma dezena de versões.

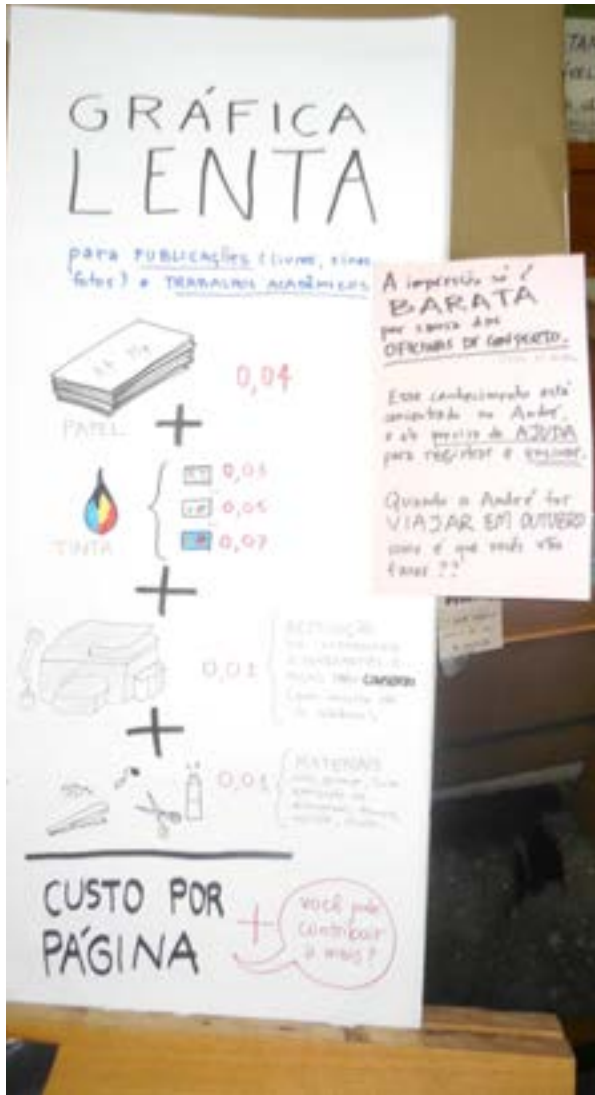


Foto 1,2 e 3: comunicados sobre o funcionamento das impressoras

Estes objetos e avisos criados para dar conta do compartilhamento das impressoras serviram de modelo para ampliar estes experimentos de comunicação e horizontalização dos cuidados necessários com todo o acervo da oficina, não só aquele originário como também para o que foi somado a ele. Todo este material era produzido manualmente - com pedaços de papel escritos a mão e fixados com fitas adesivas -, característica que facilitava sua multiplicação e alteração. Com o passar do tempo estes dispositivos acabaram por se configurar como uma plataforma de troca de experiências e aprendizados, que foram se adensando conforme o coletivo ampliava seus conhecimentos acerca do que havia disponível na oficina, servindo para que cada usuário do espaço pudesse contribuir somando informações úteis para as próximas pessoas que necessitassem usar aquele equipamento. Eram, também, uma forma de estarmos em coletivo, ainda que não estivessemos sempre unidos presencialmente.









Quando éramos apenas cinco pessoas nos encontrando uma vez por semana na oficina para pensar o espaço, a comunicação e entendimento do funcionamento e arquitetura da oficina se davam de forma fluída, através das nossas trocas e de acordos compreendidos presencialmente. Porém, com o aumento de pessoas circulando no espaço, surge também a demanda de compreender como seria possível compartilhar não só o espaço, ferramentas e materiais, mas também o cuidado, manutenção e ideação do projeto. Como compartilhar a gestão da oficina com pessoas que não necessariamente irão se encontrar no dia-a-dia, mas que também fazem parte desse sistema? Não tínhamos uma resposta para esta pergunta.

Os dispositivos criados para o uso consciente das impressoras foram os primeiros experimentos que buscavam caminhos possíveis para a responder. Tais objetos serviram como estopim para uma das características físicas mais marcantes da configuração do espaço da oficina gráfica enquanto sede do Colaboratório, sendo replicados em diferentes formatos e servindo como uma das principais formas de comunicação entre os usuários da oficina. Podemos supor que o formato simples e por vezes improvisado destes dispositivos convidasse os frequentadores a interagirem e alterarem os mesmos e, ainda, criassem um modelo de fácil transposição para os outros maquinários e mobiliários, criando uma plataforma aberta para a colaboração.

Em seu livro *Juntos*, Richard Sennett (2012) nos apresenta um panorama de desqualificação da colaboração, no qual diz que a sociedade moderna vem debilitando a colaboração de diferentes formas, destacando-se a desigualdade social, as novas estruturas de trabalho e a homogeneização cultural. As desigualdades econômicas acabam por se traduzir em

distanciamento social, no qual como consequência racional desta distância surge uma atitude mental e conduta concreta de competição (nós contra eles). Nossas estruturas de trabalho moderno também contribuem para essa desqualificação à medida que estão debilitando não só o desejo como a capacidade de colaborar com pessoas diferentes.

Ainda que por princípio todas as organizações modernas sejam a favor da colaboração, na prática sua própria estrutura a impede, através do isolamento de indivíduos e departamentos em unidades distintas, pessoas e grupos com pouco a compartilhar e que na realidade acabam por ocultar informações úteis aos demais. A homogeneização cultural, efeito da globalização expressa resumidamente na afirmação “todos somos basicamente iguais”, expõe uma visão de neutralidade. Este desejo de domesticar a diferença, de neutralizá-la, tem como consequência uma debilitação do impulso de colaborar com aqueles que seguem sendo irredutivelmente outros.

Ainda segundo Sennett (2012), as habilidades para administrar as diferenças se perdem, ao mesmo tempo em que a desigualdade social isola os indivíduos, que o trabalho aumenta a superficialidade dos contatos sociais e ativa a ansiedade em respeito do outro. Dessa forma, estamos perdendo as habilidades de colaboração necessárias para o funcionamento de uma sociedade complexa, em um processo de desqualificação das pessoas para as práticas da colaboração.

Os experimentos com objetos e avisos que geram um sistema de compartilhamento da gestão do espaço e seus recursos foi um caminho traçado com o objetivo de desenvolver as práticas de colaboração por aqueles que participavam do Colaboratório, justamente porque esta prática não estava dada, não fazia parte do repertório da maioria destas pessoas. Este sistema que auxiliava o uso e comunicação dos frequentadores do Colaboratório, então, se configura como uma plataforma de colaboração que se pretende aberta o suficiente para abrigar a experimentação das pessoas que dela se utilizam, assim como o projeto como um todo também se estabelece como uma plataforma similar.

O Colaboratório, então, pode ser compreendido não como um espaço, mas uma plataforma de colaboração que estava sediada em um espaço - a oficina gráfica da Esdi - com a pretensão de promover a abertura necessária, para aqueles que se disponibilizavam a utilizá-la, de experimentar suas possibilidades de colaboração e através dela emergirem em processos de aprendizado sobre a produção gráfica e a própria colaboração.

Mas qual seria a motivação de testar um novo modelo de funcionamento para um espaço

que já possuía premissas claras de como pode e deve funcionar? Afinal de contas uma oficina de uma universidade pública tem parâmetros bem traçados de funcionamento.

O grupo de pessoas que inicia esse movimento no espaço da oficina gráfica da Esdi não tem neste seu primeiro experimento de abertura de processos, ou de compartilhamento de recursos e saberes. Neste ambiente, se adensou nossa busca por experimentar modelos que compreendíamos como libertários e democráticos, busca que surge individualmente e que ganha força ao passo que íamos nos encontrando em projetos e reconhecendo os mesmos anseios e questionamentos uns nos outros.

E quais seriam esses anseios e questionamentos? Eles se encontram ao nos percebermos tolhidos pelo sistema educacional e pelo mercado de trabalho a termos autonomia sobre nossos processos de aprendizagem e produção, ao notarmos a dificuldade e privilégio que é ter acesso a maquinários e espaços produtivos nos quais possamos experimentar e desenvolver projetos pessoais com objetivos definidos e mercadológicos, ou não, ao investirmos nossos esforços em criar espaços temporais e físicos para que essa produção e aprendizado pudessem acontecer e que esta não fosse uma possibilidade individual, mas que pudesse ser compartilhada com qualquer pessoa que por ela se interessasse. Para que estas questões fossem atendidas foi necessário um grande investimento por parte das pessoas envolvidas com o projeto na criação de meios de colaboração, esta colaboração que majoritariamente é desconhecida e pouco exercitada em nossos cotidianos.

#### Zeladores e a crise das impressoras

Assim como qualquer outro equipamento, as impressoras compartilhadas presentes no Colaboratório apresentavam defeitos com certa frequência. Para solucionar esses defeitos zeladores e frequentadores da oficina experimentaram diversas estratégias: doações espontâneas que geram um caixa destinado a pagar a manutenção das máquinas, mutirões de consertos autogestionados, criação de manuais para uso consciente do equipamento, compra de mais impressoras com o intuito de diminuir a sobrecarga em uma impressora única, entre outros.

Tais esforços traziam melhora momentânea, mas logo em seguida retornávamos ao mesmo problema, máquinas quebradas ou apresentando baixa qualidade de impressão.

O que fazer? Uma reunião foi agendada, convidando todos aqueles que tivessem

alguma relação com as impressoras. O tema: o que fazer para solucionar a crise das impressoras?

Reuniões não são eventos que combinem com o Colaboratório, neste espaço nos comunicamos mais livremente, mas em momentos de crise... quem sabe? Afinal de contas, questões importantes são resolvidas em reuniões, não é mesmo?

Chegado o dia da reunião, para surpresa de alguns e felicidade de muitos, um número expressivo de pessoas se encontravam no Colaboratório, ninguém parou para contar, mas podemos chutar que por lá estavam umas quinze pessoas, para mais. Um fala, os outros escutam, respondem, dão sua opinião, dois falam juntos, outro discorda, a da cabeceira saca caneta e uma folha grande para tentar escrever e desenhar o que estamos falando, ela tenta encorajar os outros a fazerem o mesmo, o do lado pega caneta também, mas no papel apenas uns rabiscos que buscam retratar o da frente, alguém fala com a voz mais alta que precisamos resolver algo, todos começam a falar juntos. Um roteiro mais ou menos assim, que serviria para ilustrar outras tantas reuniões.

— E se nós cobrássemos a mais para que pudéssemos garantir a reposição das impressoras quando elas quebrarem?

— Pode ser, mas será que assim não vamos fazer com que algumas pessoas deixem de imprimir por não terem dinheiro?

— É, talvez...

— Já sei! E se a partir de agora só puder imprimir quem fizer parte dos mutirões de conserto das impressoras?

— Pode ser, mas será que todo mundo tem a possibilidade de participar deles? E tem outra, como vamos saber quem está imprimindo e quem está vindo nos mutirões?

— Podemos fazer um sistema de controle.

— Controle? Colaboratório é o inverso de controle, minha gente, como vamos fluir na colaboração se desconfiamos e controlamos uns aos outros?

— Então o que a gente faz? Do jeito que está não está funcionando.

Pausa dramática.

A única impressora que ainda estava funcionando e que enquanto nos reuníamos imprimia zines que iriam ser vendidas mais tarde pelas redondezas dá seu último suspiro e, como todas as outras, para de funcionar.

— Viu só, gente! Assim não está dando certo!

Não era raro que em momentos de dificuldade, como o expresso na crise das impressoras, que as respostas vislumbradas para solucionar nossas questões buscassem um retorno as relações e organização do espaço para modelos já conhecidos. Modelos estes permeados de controle, hierarquia, relações de poder, etc. A busca permanente pela libertação desses modelos, realizada pelos zeladores e frequentadores do Colaboratório, se caracteriza com a constante busca em achar alternativas de comportamento dentro do espaço da oficina gráfica que garantam a autonomia de todos sobre seus processos de aprendizagem e produção. Muitas vezes essa busca coletiva se depara com tomadas de decisões individuais, mas, também, coletivas, que colocam em foco esse panorama de desqualificação da colaboração, pelo medo do desconhecido, do fato desta nova forma de agir e se relacionar passar pela criatividade de sua invenção.

O Colaboratório é um projeto que, entre outras questões, surge com o intuito de discutir e experimentar modos de aprendizagem acerca dos conhecimentos ligados à produção gráfica. O fato de este projeto ser desenvolvido em um ambiente acadêmico e receber diversos atores deste meio intensifica ainda mais a relevância da reflexão sobre o termo educação dentro deste contexto. Proponho, então, nos debruçarmos um pouco mais sobre a educação e os papéis desenvolvidos por aqueles que estão diretamente relacionados a ela.

Freire nos aponta o caráter fundamentalmente narrador, dissertador das relações entre educadores e educandos encontradas na maioria das escolas contemporâneas, em qualquer de seus níveis. Este caráter implica em um sujeito - o narrador - e em objetos pacientes - os educandos - conduzindo os últimos a uma memorização mecânica do conteúdo narrado, os transformando em recipientes que devem ser preenchidos pelo educador. Logo, a aferição de qualidade desta educação está relacionada à capacidade do educador de preencher estes recipientes, os tornando bons educadores, e quão docilmente os educandos se deixam ser preenchidos, melhores educandos serão (Freire, 1994)

Dessa forma, o educador faz “comunicados” e depósitos, ao invés de se comunicar, que são recebidos pelos educandos que os memorizam e os repetem. Esta é uma concepção “bancária” da educação.



Na visão “bancária” da educação, o “saber” é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber. Doação que se funda numa das manifestações instrumentais da ideologia da opressão - a absolutização da ignorância, que constitui o que chamamos de alienação da ignorância, segundo a qual esta se encontra sempre no outro (Freire, 1994, p.33).

Podemos juntar às teorias de Freire algumas formulações de Ingold, que também dedicou parte de seu trabalho a pensar sobre a comunicação existente nas escolas. Para ele, a educação está mais propensa a existir fora dos muros das escolas do que dentro deles. O que é verdadeiramente essencial para a educação não é a pedagogia formal, mediada através de instrumentos cognitivos especializados como a linguagem e a representação simbólica, mas, sim, transmissão e comunicação. Esses não são apenas meios que possibilitam que a vida social siga em frente, são eles mesmos a essência da vida social. A sociedade não apenas continua a existir pela transmissão e pela comunicação, mas é justo dizer que existe na transmissão e na comunicação (Dewey *apud* Ingold, 2017). Segundo Ingold, o uso que Dewey faz de ambas as palavras não perpetua o que o senso comum entende como significado das mesmas e, portanto, se faz necessário compreender melhor o que está sendo dito por transmissão e comunicação.

A transmissão é possível pois a vida se sobrepõe (Dewey *apud* Ingold, 2017). É através da participação na vida uns dos outros que a educação prossegue e os conhecimentos, valores, crenças e práticas de uma sociedade são perpetuados. Esta participação deve acontecer de ambos os lados para que se caracterize como educação, caso contrário se configura como treino.

Ao colocar lado a lado as palavras ‘*communication*’, ‘*community*’ e ‘*common*’, Ingold expressa seu interesse em como as pessoas com diferentes experiências de vida podem chegar a um acordo que as permita seguir suas vidas juntas, ‘*to communicate*’ poderia ser substituído por ‘*to common*’. Para que este compartilhar seja educativo, eu tenho que fazer um esforço imaginativo para apresentar minhas experiências de forma que elas possam se articular com as suas e, ao fazê-lo, gerar sentido juntos. Isto não significa que você termine com um pedaço do conhecimento que antes pertencia a mim, implantado em sua cabeça; ao invés disso, nós chegamos a uma concordância de algo novo para ambos. Educação é, portanto, transformativa (Dewey *apud* Ingold, 2017)

Logo, a comunicação está relacionada à convivência, ao comum, a comunalidade, enquanto que a transmissão está relacionada à perpetuação, e, para atingirmos esta comunalidade, é necessário uma contínua criação, e não um regresso à origem. Não é a descoberta do que a priori nós temos em comum, o “ter em comum” não é um ponto de partida, mas uma aspiração

(Dewey *apud* Ingold, 2017). A promessa da educação se baseia na capacidade de responder e de ser respondida, sem esta habilidade de resposta (*response ability*) a educação seria impossível (Ingold, 2017 tradução minha).

Uma das possíveis razões pelas quais a oficina gráfica da Esdi esteve desativada por tanto tempo era a falta de autonomia por parte dos alunos em usar os equipamentos que ela abrigava, por não compreenderem que poderiam reativar aquele espaço independente da existência de um corpo técnico, mas, principalmente, por não saberem lidar com o maquinário sem o auxílio desses profissionais.

O processo de gestão compartilhada identificado no Colaboratório é um processo de potencialização da comunicação e da transmissão como os expressados por Dewey e retomados por Ingold, no qual há aspiração à compreensão do que o coletivo pode promover a partir das potencialidades das pessoas envolvidas e do espaço, equipamentos e materiais dispostos nele, através da contínua criação de comum.

Em um espaço com tamanha abertura para a diversidade, por não requerer que as pessoas ali presentes tenham uma origem em comum, que tem como objetivo estipulado justamente a criação do que será comum a todos, as hierarquias com as quais estamos acostumados a lidar, principalmente em relação à detenção de conhecimento, não estão dadas. Pelo contrário, elas são compartilhadas e mutáveis de acordo com as atividades realizadas, se definindo e redefinindo de caso em caso. Dessa forma, os processos de transmissão dificilmente acontecem de forma a se caracterizarem como treino (Ingold, 2017) ou depósito de informações (Freire, 1994), pois não há o que treinar, não há um objetivo a ser cumprido ou avaliado, nem informações corretas, mas, sim, caminhos desejáveis, vontades pessoais que se encontram com as vontades de outros.

#### Aline, Cássia e a Serigrafia

Logo nos primeiros meses de projeto, duas mulheres frequentaram assiduamente a oficina gráfica da Esdi. Aline e Cássia têm um projeto chamado Bendita Gambiarra, no qual desenvolvem produtos, peças artísticas e ministram uma série de oficinas explorando os meios de produção gráficos. Em um dos dias em que arrumávamos a oficina, Aline começou a investigar a mesa para queimar telas de serigrafia e a razão pela qual não estava funcionando. Em pouco tempo, concluiu que o problema era a lâmpada que estava queimada e propôs uma vaquinha para comprarmos uma nova. Na

semana seguinte, com lâmpada trocada, Aline e Cássia começaram a testar a mesa com algumas telas pessoais. Nesse processo, aproveitaram para mostrar a outras pessoas que também estavam por ali quais os procedimentos para gravar uma tela, com destaque para uma gambiarra na qual se desenha em um papel sulfite branco com uma caneta permanente preta e, posteriormente, com uma estopa embebida em óleo de cozinha, besunta-se toda a folha fazendo com que a mesma fique translúcida e utilizável como um fotolito para a gravação da tela. Elas faziam esse processo com frequência quando queimavam suas telas no sol no quintal de casa.

Cerca de um ano e meio depois, (Aline e Cássia apareceram com pouca frequência no espaço) a mesa para queimar telas funciona, ainda que não muito usada. Na oficina gráfica, presencio um aluno do terceiro ano explicando para um calouro como passar óleo na folha de papel para que esta sirva de fotolito e eles queimem sua tela para produção das camisetas da chopada deste ano e me lembro de Aline e Cássia nos mostrando pela primeira vez essa mesma técnica.

Através da participação nos projetos uns dos outros, o saber presente no Colaboratório é desenvolvido na contínua criação desse saber coletivo. Se os saberes e a transmissão desses saberes acontecem a partir destes encontros, a comunicação exercida nesse espaço também é aquela apresentada por Dewey, uma comunicação que se baseia na comunalidade e não na exposição de informações dispersas.

As experiências de troca de conhecimentos no Colaboratório nos ajudam a ilustrar outras reflexões expostas por Freire. Para ele uma educação que se propõe livre do sistema bancário seria uma educação problematizadora e, para isso, é necessário romper com os esquemas verticais que a caracterizam, superando a contradição entre o educador e os educandos. Esta superação cunharia um novo termo: não mais educador do educando, mas do educador-educando com educando-educador.

Desta maneira, o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os “argumentos de autoridade” já, não valem. Em que, para ser-se, funcionalmente, autoridade, se necessita de estar sendo com as liberdades e não contra elas (Freire, 1994, p. 39).

Desta forma, a educação se configura como uma prática da liberdade e não mais como prática de dominação, nega o ser abstrato, isolado e desligado do mundo, assim como nega o mundo como uma realidade ausente das pessoas (Freire, 1994).

O problema da educação encontrada nas escolas contemporâneas é que ela acontece de forma a isolar o que é ensinado das experiências vividas, nas quais o conhecimento é gerado. Como resultado temos uma tendência a reduzir o conhecimento a informação (Ingold, 2017). Na Grécia Antiga, escola (*scholè*) significava tempo sem destino e sem objetivo ou fim. Livre, pois enquanto os jovens frequentavam a escola eles podiam deixar de lado, ou em suspenso, as expectativas e hierarquias normativas que regulavam suas vidas em sociedade. Eles podiam se juntar a seus professores em uma comunidade na qual se aboliam as hierarquias, entendendo que cada indivíduo possuía suas especificidades e tinha algo a oferecer.

O propósito era suspender as armadilhas da ordem social, separar os meios dos fins - palavras dos significados, propriedade do uso, atos das intenções, pensar dos pensamentos - para libertá-los, trazê-los à presença no mundo, o aqui e agora, e o colocar à disposição de todos. O educador não era guardião dos fins, mas, sim, um catalisador de começos, o estudo não se encontrava na apropriação do conhecimento, mas em sua desapropriação, desfamiliarização e desprivatização. Por isso, estudar não pode ser nunca a aplicação de método ao converter questões em resultados ou respostas, o método leva o estudo à imobilização, coloca um fim aos estudos, o que o faz continuar é a experimentação (Ingold, 2017).

Ingold (2017) nos apresenta, porém, que, talvez, estejamos presos a um círculo vicioso no qual precisamos das escolas, estas que não são mais o que as *scholès* eram, apenas porque as temos e porque criamos uma sociedade baseada nas qualificações que somente as escolas podem nos proporcionar. É um ciclo que não somos mais capazes de quebrar; a impossibilidade de imaginarmos uma volta a um mundo no qual tudo que alguém precisasse saber poderia ser aprendido através da participação na vida comunitária. O mundo presente que habitamos apresenta tamanha complexidade e demandas tão diversas que tais instituições, as escolas, se tornam indispensáveis.

Tal panorama, porém, faz com que aqueles que não possuem o privilégio de desfrutar de tais instituições fiquem à margem, em permanente desvantagem, impossibilitados de desfrutar das mesmas oportunidades dos seus contemporâneos formalmente educados. Por outro lado, não podemos dizer que estas mesmas pessoas que não têm acesso a uma educação formal não possuam educação, conhecimento ou que não sejam civilizadas. Elas possuem uma série de

conhecimentos que não são explorados nas escolas. Ficamos então com a questão: sem eliminar as escolas, como é possível gerar o equilíbrio correto entre os modos de educação formal e informal? (Dewey *apud* Ingold, 2017).

O ensino de design tem por tradição abrigar cursos nos quais os alunos frequentam diversas disciplinas práticas relacionadas à área. É comum que as universidades que oferecem um curso de design possuam em suas edificações espaços destinados a oficinas, com equipamentos e materiais disponíveis para que alunos e professores desenvolvam seus projetos, não apenas quanto à concepção de ideias, mas na produção real desses artefatos ou mídias.

Podemos interpretar, a partir da existência das oficinas e das práticas realizadas dentro delas, um indício de que os cursos de design possuem uma maior aproximação com o “mundo real” do que outros cursos que possuem um caráter mais teórico. De fato, a experiência de lidar com materiais e equipamentos na concepção de um artefato proporciona aprendizados em que diversas informações estudadas através das teorias são transformadas em conhecimento a partir das experiências vividas.

Por outro lado, as mesmas práticas, dependendo das formas como são apresentadas, ainda podem corroborar com o distanciamento entre os ambientes de ensino e o mundo lá fora, ao restringir a possibilidade de experimentação dos alunos, ao guiá-los para a repetição de procedimentos pré-estabelecidos em função de objetivos pré-determinados. A ausência de situações reais a serem abordadas nas disciplinas de design nos restringem a criar projetos hipotéticos e, portanto, esvaziados de realidade. Condiciona, inclusive, a impossibilidade de livre experimentação, ou seja, de um espaço para realização de projetos outros que não aqueles passados pelos professores, o que inibe a pluralidade possível de aprendizados estabelecidos nestes espaços.

O fato da ausência do corpo técnico, responsável pela oficina gráfica da Esdi, acarretar o esvaziamento quase completo deste espaço é indício de que o conhecimento acerca dos meios de produção ali presentes não fazem parte do repertório adquirido pelos alunos no restante de seu curso. Isso não aponta para uma deficiência no conteúdo exposto nos outros ambientes da escola, mas, sim, para a necessidade de que este espaço esteja ativo para, a partir dele, promover o aprendizado sobre os meios produtivos que ele abriga.

A iniciativa de reativação desse espaço tem como maior interesse retomar o acesso aos meios e conhecimentos que envolvem a produção gráfica. Estes conhecimentos só são passíveis de serem desenvolvidos a partir da utilização e experimentação dos fazeres relacionados aos

equipamentos lá encontrados. Garantir que a oficina se mantenha aberta e em uso é também uma forma de democratizar o conhecimento, visto que espaços como este não são encontrados facilmente e se apresentam regularmente como prestadores de serviço, onde apenas podemos atuar como consumidores e com valores muitas vezes inacessíveis.

A oficina gráfica, ao receber o Colaboratório, se configurou como um espaço de ensino no qual os aprendizes exploravam seu tempo livremente. As hierarquias que separam professores e alunos são tensionadas à medida que todas as pessoas envolvidas com o projeto podiam exercer ambos os papéis, alternando suas posturas conforme as atividades e momentos em que participavam. Além disso, com o início do projeto, surgem novos sujeitos que antes não habitavam a universidade. São pessoas que não eram professoras, não eram alunas e não eram técnicas, mas que compartilhavam seus conhecimentos, aprendiam com os outros e com suas vivências e zelavam pelo espaço; peças imprescindíveis para o desenvolvimento do projeto.

Para Ingold, o primeiro lugar onde achamos a educação não é na pedagogia, mas, sim, nas práticas participativas:

não nas formas como as pessoas e coisas são representadas simbolicamente em sua ausência, mas na forma como se fazem presentes e, acima de tudo, no compromisso de responsabilidade um com o outro, na correspondência da vida social. O conhecimento cresce ao longo das linhas de correspondência: na comunhão, onde elas se juntam; e na variação, em que cada um acontece em si mesmo. Toda forma de saber, então, é uma linha de vida distinta, uma trajetória biográfica. Consequentemente, tornar-se conhecedor é parte integrante de se tornar a pessoa que você é. (...) Resumidamente, educação democrática é a produção não do anonimato, mas da diferença. Não é o que nos faz humanos, como as criaturas nascidas de um homem e uma mulher. nós somos todos humanos para começar, é o que permite a nós humanos coletivamente nos fazermos, cada um do seu jeito. Não é um processo de se transformar em humano, mas de humano se transformando (Ingold, 2017, p.17, tradução minha).<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> I not in the ways persons and things are symbolically represented in their absence, but in the ways they are made present, and above all answerable to one another, in the correspondences of social life. Knowledge grows along lines of correspondence: in communing, wherein they join; and in variation, wherein each comes into its own. Every way of knowing, then, is a distinct life-line, a biographical trajectory. It follows that becoming knowledgeable is part and parcel of becoming the person you are. (...) Democratic education, in short, is the production not of anonymity but of difference. It is not what makes us human, for as creatures born of man and woman we are all human to begin with. It is what allows us humans collectively to make ourselves, each in his or her way. It is a

Em seguida, o autor propõe uma nova escrita da palavra *education*, reescrevendo-a como *e-ducation*, na qual o *e* vem de *ex*, significando fora. Educação, então, não seria sobre introduzir conhecimento nas mentes dos aprendizes mas sobre os guiar para o mundo. Se, em um primeiro sentido, educação, em sua versão moderna, tem como objetivo prover as ferramentas para explicações e raciocínio crítico na qual o aluno, que a princípio é ignorante e precisa primeiro ter as coisas explicadas, eventualmente irá emergir como um pensador, emancipado de seu passado e com o potencial de se juntar àqueles que podem explicar, em uma passagem da ignorância para o intelecto.

Ainda que o mundo possa ser conhecido apenas por meio de suas explicações, ou pelas diferentes formas pelas quais ele pode ser representado, como nós poderíamos nos abrir para o mundo? Nós podemos transformar o mundo em algo real? Como fazer o mundo presente e descartar os escudos e/ou espelhos que parecem ter nos trancado progressivamente em auto-reflexões e interpretações?

Estas são algumas perguntas expostas por Ingold (2017), as quais ele mesmo responde: adotando práticas que permitam nos expor. Este é o objetivo da *e-ducation*. Para esta pedagogia na qual o professor não tem nada a transmitir, nada a passar, nem mesmo métodos, protocolos, regras ou formas específicas de testar ou certificar o que estão fazendo, Masschelein (*apud* Ingold, 2017) tem um termo: *'poor pedagogy'*, pedagogia pobre. Esta pedagogia seria a arte de esperar e apresentar, um convite para o fora, oferecendo formas de experienciar e de se tornar atento, oferecer a possibilidade de exposição, através de exercícios que aguçam nossa atenção para o que é real e sua verdade, não a verdade sobre o real, mas a verdade que aflora daquilo que é real, na experiência. Sobretudo *'poor pedagogy'* é fraca e nós nos enfraquecemos com ela.

Uma educação forte nos arma com conhecimento, permite fortalecer nossas defesas do mundo externo, nos dá imunidade e a segurança e o conforto da razão. Com isso, porém, ao nos fecharmos em nossas armaduras e criarmos muralhas com nossas defesas intelectuais, nós falhamos em responder à realidade que o mundo nos apresenta e deixamos de fazê-lo presente. Nesse sentido, Ingold (2017) defende uma educação fraca, através de uma pedagogia pobre por alcançarem exatamente o oposto de uma educação forte, uma educação que nos pede para quebrar nossa segurança das nossas posições defensivas, pede que retiremos nossas armaduras e nos encontremos com o mundo de braços abertos, uma prática de desarmamento. Uma educação baseada na exposição ao invés da imunidade, que nos deixe vulneráveis ao invés

de poderosos, que valorize verdade e sabedoria acima de conhecimento, aquele compreendido como informação. E finaliza expondo que enquanto uma educação forte busca incutir o que é desejado, a educação fraca é a busca pelo que é desejável.

Esta educação fraca concebida através de uma pedagogia pobre está contemplada dentro do conceito de ciência menor, a qual começa com fluidez e enxerga em coisas que nos parecem ter formas fixas e constituídas apenas linhas ou envelopes de movimentos perpétuos. Com isso, prioriza a variação, heterogeneidade e o transformar em lugar da constância, homogeneidade e o ser no sentido de existência estática. Na ciência menor, movimento não é a transposição, mas a geração da forma. Na medida em que o próprio movimento se move, suas relações são topológicas e não estatísticas (Ingold, 2017).

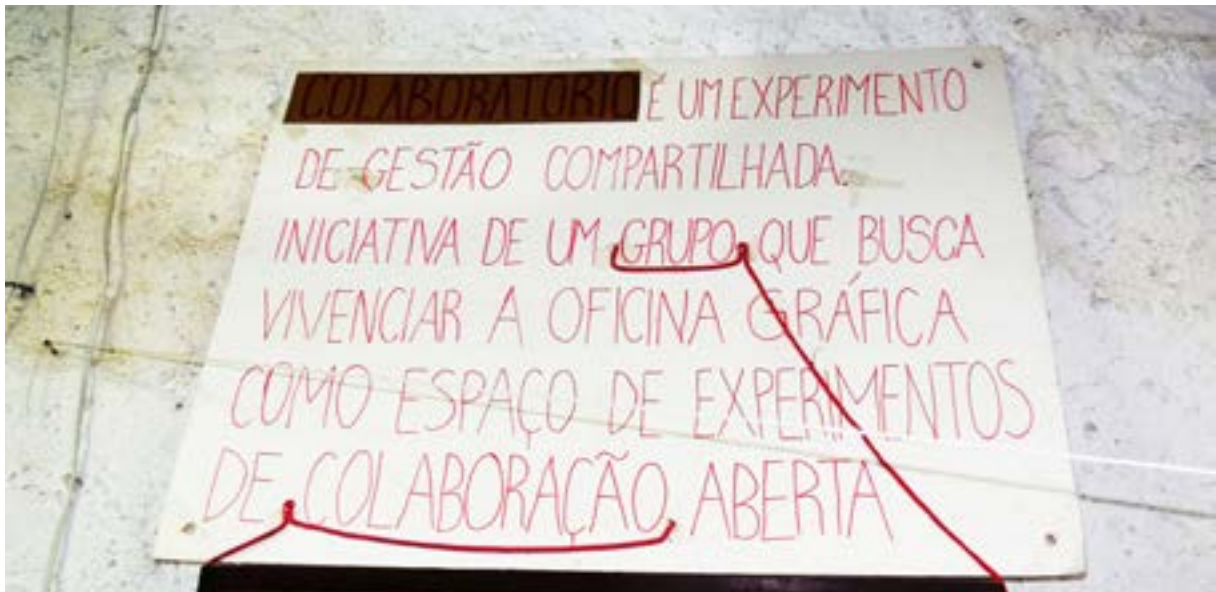
Problemas reais não tem soluções, eles precisam de tempo, ‘experimentação paciente’ (Manning *apud* Ingold, 2017); não a paciência da ciência maior, na qual um procedimento padrão é repetido diversas vezes com o objetivo de verificar resultados. O objetivo da experimentação paciente não é testar uma hipótese pré-concebida, mas, sim, abrir um caminho que será seguido independente de onde ele nos leve em uma jornada a ser realizada ao invés de um ciclo de retornos a pontos fixados. Mais itinerante do que iterativo, funciona por intuição mais do que pela razão; mais prospectivo, improvisatório e especulativo em vez de reativo, prescritivo e confirmatório. Concluindo, nós devemos permitir que as coisas se tornem presentes em seu próprio tempo, elas não podem ser forçadas. Um teorema é racional, um problema é afetivo, problemas reais, longe de se fecharem em uma conclusão, nos possibilitam uma abertura. Problemas falsos possuem suas soluções escondidas dentro deles, o desafio é às achar.

Ao recebermos o convite para pensar em um projeto para a oficina gráfica da Esdi, poderíamos ter optado por encarar esse desafio o enxergando como um teorema: uma oficina gráfica desativada pela ausência de um técnico. Porém, não foi essa a forma como escolhemos abordar essa questão. Ainda que não tivéssemos contato com as teorias expostas por Ingold, compreendemos que aquele era um problema real e que iríamos lidar com ele em forma de experimentação contínua, nos permitindo participar desta jornada sem a necessidade de uma conclusão.

Ao chegar no Colaboratório, um cartaz fixado a parede dizia: “Colaboratório é um experimento de gestão compartilhada. Iniciativa de um grupo que busca vivenciar a oficina gráfica como um espaço de experimentos de colaboração aberta”. O modo como nos apresentávamos era em forma de experimento pautado na vivência, em um processo aberto. Eram experimentos,



pois não havia receita, regras fixas, sistema de avaliação, apenas um caminho o qual resolvemos seguir.



Cartaz fixado na parede do Colaboratório

Enquanto que a ausência de um técnico pode se apresentar como um teorema, a vivência na oficina gráfica nos apresenta diversos problemas reais prontos para nos guiarem a experimentações ricas. O primeiro, e talvez mais latente, era como um coletivo de pessoas que não necessariamente se conheciam, nem ao menos estavam presentes na oficina ao mesmo tempo, podiam compartilhar os cuidados do espaço e disseminação dos aprendizados adquiridos? Nossa primeira ação em relação a este problema foi através dos encontros regulares, nos quais arrumávamos o espaço, fazíamos as manutenções dos equipamentos e progressivamente iam disseminando a cultura do cuidado compartilhado através de conversas com outros que por ali passavam. Este é um caminho que continuou sendo desenvolvido através de encontros semanais que serviam para pensar o espaço e os desdobramentos do projeto.

Os encontros espontâneos com pessoas que não estavam cientes do projeto que estávamos desenvolvendo abriam espaço para o esclarecimento mais efetivo sobre nossas propostas e possibilitavam um retorno importante sobre como as pessoas estavam compreendendo o que estava acontecendo na oficina gráfica. Em dado momento, com o compartilhamento das impressoras, espalhou-se a notícia de que era muito barato imprimir no Colaboratório, o que de fato era verdade. Porém, com a disseminação apenas desta informação e não de como essas impressões se davam, muitas pessoas chegavam no espaço o compreendendo como uma gráfica barata em busca da prestação de serviço de impressão. A presença regular do grupo engajado em

zelar pelo espaço e projeto tornou possível não apenas a identificação deste ruído na mensagem que estava sendo propagada, como inspirou novas experimentações de formas de evitar tais enganos.

Outro caminho importante que foi seguido para dar conta do mesmo problema real é o do desenvolvimento dos artefatos gráficos fixados em quase todas as superfícies do espaço. Estes dispositivos perguntavam a quem estava chegando qual o motivo de sua visita, mantendo um histórico do volume de visitas e atividades que aconteciam no espaço; comunicavam tarefas que precisavam ser realizadas relativas à organização do espaço; apontavam projetos de maior porte que seriam realizados e quando seriam realizados; chamavam atenção para riscos corridos na utilização de determinados equipamentos; mostravam pequenos tutoriais de como utilizar as máquinas; como contribuir financeiramente com os custos dos materiais disponíveis; apontavam quem são os zeladores do espaço e que tipos de fazer que eles dominam e podiam passar adiante; indicavam como manter os materiais organizados; davam visibilidade aos fluxos de dinheiro do Colaboratório; entre outros. Estes dispositivos davam transparência à construção da colaboratividade do projeto, ao acompanhar os processos de aprendizagem do coletivo e disponibilizar este processo em forma de materialidade visual, registro, expressando a continuidade dessa construção através da atualização contínua de seu conteúdo e forma. São experimentos de formas de compartilhar o que está sendo construído em coletivo.

Os chamo de experimentos, pois em sua feitura não havia a pretensão de se chegar a um objeto finalizado, mas a um objeto que pudesse atender à demanda de comunicar as necessidades momentâneas do espaço. Cada equipamento disposto na oficina gráfica possuía um conjunto de mensagens fixadas em seu corpo ou arredores. Este conjunto é a soma de diversas inserções que ocorreram em momentos diferentes, acompanhando as descobertas e experiências, que o grupo de pessoas que o utilizavam vivenciaram. Este sistema, então, possibilita que os conhecimentos, aprendizados e descobertas individuais possam ser compartilhados entre toda a rede de pessoas que frequentam a oficina gráfica da Esdi, engajando toda esta rede no desenvolvimento contínuo deste problema comum a todos.

Como um coletivo de pessoas que não necessariamente se conheciam, e nem ao menos estavam presentes na oficina ao mesmo tempo, poderiam compartilhar os cuidados do espaço e disseminação dos aprendizados adquiridos? Se atentarmos para esta pergunta podemos perceber que esta é uma questão abrangente. Ao nos permitirmos a abertura necessária para lidar com este problema real, começamos a identificar diversos outros problemas pontuais, mais

específicos, que foram encarados de forma semelhante.

Com a disseminação da notícia de que o custo de impressão no Colaboratório era muito baixo tivemos como resposta um fluxo intenso de uso dos equipamentos e com isso consequências que não havíamos previsto. Cada uma dessas impressoras têm uma vida útil estimada de cem mil impressões. Atingido esse número, a cabeça de impressão, componente imprescindível para seu funcionamento e de difícil substituição, deixa de funcionar. Em um mês no qual tivemos um dos maiores fluxos de impressões, ao imprimirmos o relatório de uma das impressoras - no qual é possível visualizar toda a estatística do que foi impresso em cada aparelho - observamos que este equipamento ao longo dos últimos trinta dias tinha impresso mais de trinta mil folhas, o que significa que esta máquina teria em média uma vida útil de três meses. Antes que as impressoras chegassem a este número limite, porém, elas começaram a apresentar avarias frequentes.

O uso intensificado não só forçava as máquinas ao seu limite, como dificultava o acompanhamento de como estas estavam sendo manejadas por aqueles que já possuíam maior intimidade com o equipamento. Dessa forma, não conseguíamos dar a assistência necessária para um uso cuidadoso e consciente e, também, não observávamos os motivos e causas do mau funcionamento dos equipamentos. Em consequência deste processo, chegamos a um momento em que não havia nenhuma impressora em bom estado na oficina gráfica e, devido a extensão das avarias sofridas, o dinheiro arrecadado nos cofres destinados à manutenção não era suficiente para enviá-las à assistência técnica.

O caminho que estávamos seguindo para vivenciar este problema teve diversas mudanças bruscas de direção e é justo afirmar que nos sentimos perdidos e sem saber para onde estávamos indo, mas permanecemos em movimento. Nosso primeiro passo foi dar continuidade ao sistema que já possuíamos, aumentando e melhorando os dispositivos que auxiliavam no uso das impressoras, o que não apresentou nenhuma diferença significativa para o estado das impressoras. A próxima direção tomada nos levou para uma pesquisa profunda sobre o funcionamento das impressoras. Se antes estávamos aptos a hackear nossas próprias máquinas, agora estávamos interessados em todos os seus mecanismos. Adicionamos mais um dia de encontro semanal, agora direcionado exclusivamente ao cuidado com as impressoras. Nestes encontros, assistíamos vídeos online sobre como realizar pequenos consertos dos equipamentos e os reproduzíamos em nossas máquinas, ou então realizávamos o desmonte de uma máquina em boas condições simultaneamente com o desmonte de uma avariada para, a

partir da comparação, identificar os problemas existentes.

Ainda que estivéssemos desenvolvendo uma sabedoria estimável com o processo de abrir as caixas pretas das impressoras, este processo estava aquém do uso intensivo das máquinas, que continuavam apresentando diversos problemas de funcionamento ao longo dos dias. Tal fato nos levou a experimentar a limitação de uso desses equipamentos àquelas pessoas que estavam se disponibilizando a tentar consertá-los. O sistema funcionava da seguinte maneira: ao participar de um encontro de manutenção os envolvidos conquistavam a possibilidade de imprimir o quanto quisessem por um determinado período de tempo, uma tentativa de estimular o engajamento dos interessados em imprimir na manutenção real desse micro sistema existente no Colaboratório.

Tal iniciativa trouxe à tona outras diversas questões: a insegurança natural de muitas pessoas em se envolverem com algo tão distante de seus fazeres cotidianos; a dificuldade de muitos em conseguir estar presentes no dia combinado para a realização da manutenção; a sobrecarga gerada naqueles que tinham maior conhecimento presente nestes encontros; e a dificuldade de que a informação sobre o experimento deste novo sistema chegar ao conhecimento de todo o coletivo.

Ainda que a experiência de abrir a caixa preta das impressoras tenha sido singular como forma de obter conhecimento a partir da prática e curiosidade das pessoas envolvidas, este caminho foi abandonado principalmente pela dependência gerada em poucos indivíduos, o que em um projeto de caráter tão coletivo e colaborativo se tornou insustentável.

A última direção tomada que foi observada nos levou de volta à assistência técnica, com o conserto de uma máquina que novamente ficou disponível no Colaboratório. Para garantir que pudéssemos contar com a ajuda técnica especializada, alteramos os valores dos custos do materiais nos quais os custos da manutenção ou da reposição das impressoras foi diluído, representando um aumento de sete centavos por folha impressa.

Outro problema específico diz respeito ao equipamento mais antigo que habita a oficina, os tipos móveis. O conjunto de tipos de valor histórico inestimável para a Esdi, no momento inicial do Colaboratório, encontrava-se desorganizado com tipos espalhados por todo o espaço, além de apresentar na estrutura de madeira do móvel uma infestação de cupins, que se alastrava por toda a escola.

Por serem peças históricas e não comumente encontradas em uso nos dias de hoje, o conhecimento em torno dos tipos móveis foi um dos que tivemos maior dificuldade de acessar.

Ademais, havia certa resistência por parte do corpo docente de que nossa presença na oficina gráfica e o possível manuseio dessas peças poderia agravar ainda mais seu estado precário de conservação. Ainda assim, a situação vigente do móvel, devido a presença dos cupins, demandavam uma ação urgente. Dessa forma, um novo caminho começou a ser trilhado: a busca pela reforma do móvel, organização dos tipos e compreensão de seus modos de uso e manutenção.

### Bianca e os tipos móveis

Bianca é aluna da graduação na Esdi. Cursa o terceiro ano de faculdade e frequentava o Colaboratório a poucos meses. Com sua curiosidade e interesse pessoal sobre a impressão com tipos móveis, começou aos poucos a pesquisar sobre o assunto, contactar pessoas que conheciam do assunto e estavam disponíveis a nos ajudar com o desenrolar deste problema. Encontrou na pós-graduação da Esdi o Almir, aluno de doutorado que possuía experiência com o equipamento e, com sua ajuda, promoveu dois pequenos encontros para alguns frequentadores do Colaboratório entrarem em contato com as noções básicas deste sistema de impressão. Saber como fazer uma composição e como imprimi-la, porém, não era o suficiente para retomar o uso dos tipos. A principal questão para esta retomada era a desorganização dos tipos. Cada tipo, ou seja, caractere, possui uma subdivisão de uma gaveta à qual pertence. Uma vez retirado desta subdivisão para uso, é de extrema importância que quem o fez retorne com ele para o mesmo lugar, caso contrário será necessária uma análise minuciosa para identificar a que gaveta o mesmo pertence. Tal análise era normalmente executada por profissionais especializados na área, com experiência e atenção necessárias para rapidamente realizar esta identificação. Ao sabermos, através de um parecer de professores que a tarefa de organização levaria por volta de seis meses de trabalho de profissionais especialistas remunerados, descobrimos que este era um caminho mais longo e difícil do que esperávamos. Mas Bianca queria poder usar os tipos. Ela queria aprender a usá-los e, individualmente, iniciou o processo de organização por conta própria, desenvolvendo um trabalho de identificação minucioso por comparação das peças que ainda permaneciam nas gavetas. Em uma semana, Bianca havia retornado todas as peças soltas pelo espaço às suas gavetas e nichos de origem. Ela queria usar os tipos.

Com gavetas organizadas, Bianca organizou e participou de mutirões de produção de livros e cadernos nos quais as capas foram compostas e impressas com os tipos móveis, compartilhando suas descobertas com os demais participantes que, por sua vez, agora passam adiante essa vivência.

Ainda assim, a ameaça dos cupins permanecia, e com a demora do serviço de descupinização que viria a ser realizado em todo o campus, alguns fundos de gavetas começaram a ruir e novamente espalhar letras para todos os cantos. Mas Bianca continuava querendo usar os tipos, e dessa vez os levou para a oficina de materiais da escola, onde mais uma vez por iniciativa própria deu sobrevida a este estimado equipamento reformando as gavetas avariadas.

Ao entrar no Colaboratório hoje em dia, ainda é possível achar algumas letras que não estão em suas gavetas, mas agora temos o caminho da Bianca a trilhar.

Os problemas expostos anteriormente podem ser entendidos como problemas reais, como os apontados por Ingold, os quais estavam sendo encarados através de um processo de experimentação paciente, na qual não estávamos buscando respostas definitivas, mas nos deixando vulneráveis a esta realidade e correspondendo com ela e com os demais que também optaram por esta paciência. O Colaboratório foi um projeto de experimentação paciente pois para aqueles que se engajaram nele, não havia uma hipótese que servia de resposta às questões que ele nos apresentava, mas, sim, a abertura individual de cada um de criar e seguir criando um caminho que nos leve a um lugar comum.

Neste capítulo, é possível olharmos para o Colaboratório não como um espaço, mas como uma plataforma. Uma plataforma de colaboração na qual são desenvolvidos meios para que seus usuários possam se envolver em processos de aprendizagem autônomos e compartilhados; uma plataforma de educação na qual seus usuário aprendem e desenvolvem processos de colaboração; uma plataforma de pesquisa sobre a colaboração e a educação a partir da troca de experiências daqueles que dela fazem parte, a partir do engajamento dessas pessoas em estarem dispostos a vivenciar a colaboração e a educação em suas práticas diárias.

#### 4 MUTIRÕES PRODUTIVOS

##### João e a produção de livros

João (estudante de letras da UniRio) marcou de almoçar com sua namorada Lais (estudante de design na Esdi e zeladora do Colaboratório). Como chegou um pouco adiantado, adentrou o campus da Esdi e foi encontrar com Lais no Colaboratório. Por lá, encontrou não apenas sua namorada, mas um grupo de pessoas que no momento estavam ocupadas participando de um mutirão para produção do livro de um estudante de cinema. Sentou-se em um banco próximo à mesa e ficou algum tempo observando o movimento até que uma das pessoas produzindo livros pediu para que dobrasse algumas folhas do miolo. João prontamente realizou o que lhe foi pedido, solicitando algumas informações de como deveria proceder para chegar ao mesmo resultado que os demais fazedores. De dobrar algumas folhas, passou à costura com linha e agulha dos cadernos e depois para a colagem, prensa da lombada e por aí em diante. Quando se deu conta, tinham acabado a produção do dia, com 90 exemplares produzidos. Já se passavam das 19h quando recebeu uma quantia em dinheiro como remuneração pelo trabalho realizado e foi finalmente almoçar com Lais.

Até agora nos debruçamos sobre as vivências decorrentes das questões encontradas no dia-a-dia partilhado na oficina gráfica, vivências que dizem respeito ao uso compartilhado das ferramentas e espaço da oficina gráfica da escola. Porém, há um outro braço de ações que diz respeito não apenas ao desenvolvimento desta plataforma de colaboração e educação, como, também, do desenvolvimento de uma outra forma possível de produção gráfica.

Assim como toda a experiência vivida no Colaboratório, mais uma vez o desenvolvimento deste braço de ação tem início prévio à existência do projeto, nas experimentações já citadas de publicação do livro *Janela Destravada*, do autor Carlos Meijueiro. Lá os mutirões continuaram com outros títulos e autores, com os quais revisitamos este modelo de produção adequando-o e reinventando-o a cada nova experiência.

Tais ações são chamadas de mutirões de produção. O nome desta atividade tem inspiração em uma publicação de título “A história de dona Maria e seu João ou como cair fora do BNH e construir casas por mutirão”, na qual era exposto através da linguagem de quadrinhos o passo-

a-passo necessário para realizar mutirões de construção de casas através da mobilização da comunidade e da divisão do trabalho entre todos os que seriam beneficiados. Este quadrinho nos serviu de inspiração por apresentar um processo complexo de produção e organização em uma linguagem acessível para diversos públicos e com isso disponibilizar um conhecimento específico que possibilita a autonomia e colaboração de incontáveis pessoas.

Os mutirões produtivos eram encontros de produção de peças gráficas, em sua maioria livros e *zines*, organizados por zeladores em parceria com pessoas e/ou coletivos que quisessem desenvolver tais objetos. A ideia que perpassa todas estas experiências é possibilitar a publicação de obras que não seriam facilmente aceitas nos meios de produção dados, o que pode ocorrer por almejarem pequenas tiragens, comumente aumentando o custo unitário do livro, por serem autores ou textos que não apresentassem apelo comercial às editoras, questões de posicionamento político, etc. Esse processo acontecia através de um sistema no qual pessoas que não possuíam acesso aos conhecimentos e meios de produção gráfica passavam a tê-los, de forma a disseminar esses saberes para que cada vez mais livros pudessem ser publicados.

Partindo de uma demanda específica de produção que encontrava no Colaboratório um espaço que poderia viabilizar a realização desses projetos, os encontros se configuravam da seguinte forma: zeladores e a pessoa ou coletivo entravam em acordo dos custos de produção do projeto. Estes custos incluíam os valores dos materiais necessários, uma contribuição para a manutenção das máquinas utilizadas e um valor para auxílio da mão de obra, compreendida como os zeladores e demais participantes que viessem a participar dos encontros de produção.

Estipulávamos uma data para o encontro e divulgávamos do que o projeto se tratava e quando seria realizado, convidando os interessados em participar a estarem presentes. Estas pessoas não precisavam ter conhecimento prévio sobre as ferramentas e técnicas de produção dos materiais gráficos em questão, apenas precisavam estar dispostas a engajar neste processo de produção em coletivo.

Previamente ao encontro, os zeladores que estavam organizando o mutirão junto a pessoa ou coletivo do projeto se articulavam para a compra de materiais e possíveis preparativos necessários a serem realizados com antecedência, como no caso da impressão do conteúdo de livros, por exemplo.

Na data combinada, zeladores, proponentes e interessados se encontravam na oficina gráfica para juntos produzirem. Os zeladores que organizavam os encontros normalmente possuíam as habilidades e saberes necessários para guiar todo o processo e, portanto, conduziam



a produção de forma que todos os participantes tivessem a oportunidade de realizar todas as etapas necessárias para a confecção de um objeto por inteiro. Assim como todas as experiências ocorridas no Colaboratório, nos mutirões as técnicas para lidar com equipamentos e materiais eram desenvolvidas e adensadas a partir da prática, logo a cada mutirão era ampliado o conhecimento sobre os meios e métodos de produção gráfica deste coletivo de pessoas engajadas.

Com todos os objetos produzidos, o grupo de pessoas que estivesse interessado em receber uma contribuição monetária em troca de seu trabalho se reunia para discutir como seria realizada esta divisão da quantia que foi estipulada anteriormente. Normalmente, a divisão era realizada com base nas horas trabalhadas por cada indivíduo.

Estas eram algumas diretrizes recorrentes a diversos projetos realizados em mutirão no Colaboratório, porém as formas de organizar e viabilizar os mutirões eram diversas e variavam de caso a caso.

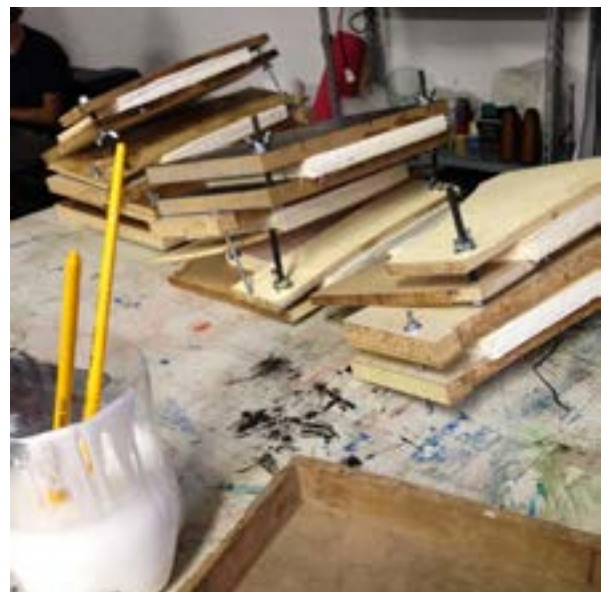


Foto 1: mutirão de produção de livros.

Foto 2 e 3: detalhe do processo de colagem das lombadas.



Foto 1: imagem produzida para divulgação dos mutirões.

Foto 2: processo de costura das lombadas com máquina de costura.

Foto 3: mutirão de livro.

Foto 4 e 5: impressão de capa com composição de tipos móveis.

Nestes eventos de produção coletiva ocorriam interações de maior intensidade com materiais e maquinário devido a imersão que ocorria no fazer dos livros, o que acarretou em uma grande riqueza de conhecimentos sobre os mesmos.

### Os ciborgues que habitam o Colaboratório

Um ciborgue é um organismo cibernético, um híbrido de máquina e organismo, uma criatura de realidade social e também uma criatura de ficção. Realidade social significa relações sociais vividas, significa nossa construção política mais importante, significa uma ficção capaz de mudar o mundo (Haraway, 2009, p.35).

Ao ler o Manifesto Ciborgue, de Donna Haraway, me reconheço ciborgue, ou melhor, me reconheço diversos ciborgues que se manifestam e se compõem em momentos diferentes. A experiência de ser ciborgue não é algo novo, mas algo que a partir desta leitura ganha outra potência. Os híbridos de organismos e máquinas que são compostos dentro das paredes da oficina gráfica da Esdi nos convidam a reativar aquele espaço que antes acomodava máquinas, em sua maior parte do tempo, desligadas e sozinhas.

Poderíamos pensar que não existe a coisa e o que a coisa faz, a coisa se constitui a partir do fazer. Se não tem algo sendo feito não está sendo coisa. A impressora só existe quando alguém(s) está imprimindo, se não há ninguém imprimindo ela não é impressora, mas está sendo um conjunto de diversos materiais organizados de uma forma específica. É quando alguém inicia o fazer, no caso o imprimir, que a pessoa mais esse conjunto de materiais se constituem como impressora. O fazer atrelado a cada objeto constitui ciborgues distintos.

Em um mutirão de produção de livros muitos ciborgues se manifestam. O primeiro é o Ciborgue Impressora. Um emaranhado de dedos com plástico, com olhos, com circuitos, com ouvidos atentos, tinta, energia elétrica, cartuchos, mangueiras, que engole papel em branco e cospe papel impresso. As mãos operam a alimentação de papel e acionam os botões nos momentos e sequência corretos para determinado objetivo; as bobinas puxam o papel virgem para dentro do corpo de plástico, enquanto o carrinho transporta a cabeça de impressão, e não a que tem olhos, nariz e boca,

para iniciar o despejar de tinta; através da diferença de pressão de ar existentes nos reservatórios, a tinta corre pelas mangueiras, que são observadas de perto pelos olhos atentos para detectar qualquer indício de bolha de ar que possa atrapalhar o resultado final; outras bobinas empurram o papel para fora do paralelepípedo de plástico onde as mãos os encontram e com a ajuda dos olhos conferem se o que era imaginado e o que foi impresso estão satisfatoriamente próximos. Os ouvidos funcionam como mecanismo de controle de todo o processo, identificando, através dos sons emitidos pelo papel que percorre o corpo do ciborgue, se a impressão está ocorrendo de forma adequada. Um som mais agudo e repetitivo avisa que mais papéis precisam ser colocados pelas mãos na bandeja de alimentação; um som um pouco mais grave e repentino, seguido de um sintético toque que remete a um “plimplim” indica que o papel ficou preso entre engrenagens plásticas e convida as mãos a o retirarem com extremo cuidado, após a retirada da traseira de plástico.

Por vezes, as mãos abrem os reservatórios externos e despejam tinta antes que eles fiquem secos, o que poderia causar bolhas de ar e por fim a mistura de cores. No caso dos olhos não detectarem esta falta de tinta, as mãos combinadas às seringas sugam o ar e o que mais houver dentro das mangueiras e injetam o fluido de limpeza, para que o sistema volte ao normal. As mãos somadas a canetas ou lápis alimentam um sistema de memória em um caderno avulso, no qual são adicionadas vivências deste ciborgue, uma forma de lembrar ações realizadas com êxito e soluções encontradas quando há falhas.

Para a produção das capas além do Ciborgue Impressora outros dois podem se manifestar: O Ciborgue Tipografia e o Ciborgue Serigrafia. O primeiro, com muito chumbo em forma de letras, pontos, vírgulas, espaços e entrelinhas, acomodados por mãos e memórias super desenvolvidas em compartimentos de madeira feitos sob medida, mais espaçadores, rolos, papéis e tintas de variadas cores. O ciborgue mais antigo e que preenche o maior espaço da oficina gráfica, se alastrando ao longo de uma parede inteira e um pouco mais. As mãos, componentes mais ativos deste ciborgue, alcançam as pequenas peças de chumbo fundido uma a uma acompanhadas por um olhar muito atento, que carrega muita sabedoria para distinguir essas pequenas formas umas das outras, em movimentos que poderiam ser comparados a uma dança coreografada, devido à tamanha precisão, rapidamente colocando-as lado a lado formando palavras,



frases, textos completos, para em seguida os amarrar bem justos, mantendo íntegra sua composição. Em uma placa de metal, as mãos, equiparadas de uma espátula, despejam a tinta grossa em pequena quantidade e, em seguida, agora equiparadas com um rolo, iniciam o processo de esticar a tinta. Os ouvidos entram em ação, a espera do som correto que a tinta em contato com o rolo e o metal devem soar. Rolo e mãos agora direcionam esta tinta para a superfície de letras de chumbo, com uma leve pressão, que deve equilibrar a necessidade de todas as superfícies serem entintadas, mas sem exagero, para uma maior nitidez de impressão. Novamente as mãos, protagonistas deste processo, alcançam o papel e o pousam suavemente em cima da composição de chumbo, cuidando para manter o alinhamento desejado entre formato do papel e texto que será impresso. Um outro rolo, que não possui tinta, mas está posicionado na altura perfeita para causar uma leve pressão sobre o papel para deslizá-lo em direção à composição onde se finaliza o processo de impressão.

O segundo, composto por lâmpada super potente branca, mãos, mesa transparente, olhos, luz vermelha, tecidos que vedam a luz, relógio, ar, madeira, nylon, rodo, tinta, fotolito, água, mangueira. Luz vermelha acesa e todas as outras apagadas, os tecidos impedem que a luz natural adentre o espaço, suas mãos aplicam a tela, que é a junção da madeira e do nylon, uma substância normalmente de cor azul ou verde de extrema sensibilidade à luz branca, que é seca com o auxílio de um soprador de ar acionado pelas mãos. O fotolito e a tela, que antes era de nylon transparente e agora está coberta por esta emulsão, por ação das mãos, são colocados por cima da mesa transparente. Tudo isto é vedado por um tecido plástico que é lacrado a vácuo assim que os dedos acionam um botão vermelho. Em um movimento rápido e preciso, o mesmo dedo aciona o segundo botão, agora de cor preta, enquanto os olhos são fechados, as pernas os levam para uma distância segura e a lâmpada potente e de cor branca se ilumina. Em contato com a emulsão sensível à luz, faz com que esta se fixe ao nylon e se torne impermeável, enquanto que as partes protegidas pela impressão do fotolito permanecem sem fixação. Os olhos controlam o passar do tempo observando os ponteiros do relógio e assim que os minutos certos se passam, as pernas retornam para próximo da mesa, trazendo os olhos novamente fechados e dedos que irão acionar o botão preto e vermelho novamente, para que suas funções sejam encerradas. Sem luz branca ou vácuo, as mãos retiram a tela e a carregam até a mangueira que, por sua vez, expelle a água com bastante pressão

removendo as partes não sensibilizadas da emulsão e revelando a arte que será impressa em seguida.

As mãos posicionam mais uma vez a tela, que agora fica por cima de um tecido ou papel, e equipada de uma espátula distribui a tinta em uma das extremidades da tela. Em seguida, ao alcançar um rodo, espalha esta tinta por toda a superfície da tela, e a puxa novamente para a mesma extremidade, fazendo certa pressão. Para finalizar, retiram a tela de cima do papel ou tecido e o levam para a mangueira que, desta vez, apenas removerá a tinta excedente.

Com o conteúdo dos livros impressos é a vez do Ciborgue Costura entrar em ação, unindo todas as folhas avulsas em um único volume. Com metal, engrenagens de tamanhos variados, mãos, agulha, olhos, pedal, pé, motor, bobinas, ouvidos e linhas. A linha é guiada pelos dedos que seguem um passo a passo impresso na carenagem e observado pelos olhos atentos, ou fixado na memória das mãos após tantas repetições, passando por diversos pequenos orifícios e por fim na agulha. Outra linha é colocada na parte inferior da carenagem, enrolada a uma pequena bobina. Uma mão gira a engrenagem que faz a agulha subir e descer fazendo com que a linha de cima enlace a inferior, trazendo-a à superfície. Um dedo puxa uma pequena alavanca que empurra um componente chamado sapatilha ao encontro do tecido ou papel que irá ser costurado, causando a pressão necessária para que este se mantenha em posição, mas que ainda assim se mova quando necessário. A partir deste momento, uma mão permanece sempre guiando o movimento do tecido ou papel, enquanto o pé aperta o pedal que dá início ao movimento das engrenagens, a outra mão rapidamente aciona um botão que faz com que os pontos sejam dados na direção contrária, passando por cima daqueles que acabaram de ser dados, garantindo que o início da costura não se desfaça para, em seguida, ajudarem a outra mão a guiar o tecido no restante do processo. Para retirar o tecido, as mãos guiam a linha - que por hora está presa não só a ele mas também à agulha - até uma pequena fenda no metal logo acima da sapatilha especialmente posicionada para cortar a linha facilmente.

Depois de costurados, colam-se contra capas e capas e, por fim, para dar acabamento preciso às folhas que agora compõem um livro, é usual a manifestação do Ciborgue Guilhotina. Um híbrido de uma ou duas pessoas de corpo inteiro somadas a muito ferro fundido em formas de engrenagens e carenagem, mais motor, mais algumas

correias para transmitir o movimento, mais uma faca de aço bem afiada (de preferência), mais óleo (bastante), mais energia elétrica, mais cesto ou saco plástico para depósito dos resíduos. Este ciborgue é bailarino, realizando movimentos coreografados e ritmados. Passando inicialmente pelo aquecimento, um momento importante para garantir que a coreografia aconteça com fluidez e precisão. Os braços e os dois mecanismos de ajuste ao girarem juntos fazem o batente se aproximar ou distanciar, garantindo que todos os cortes terão as mesmas medidas, em seguida, colocam os papéis a serem cortados (estes podendo ser folhas avulsas únicas ou em quantidade, ou ainda livros, cadernos e revistas já encadernados), os braços se juntam ao grande volante de ferro fundido da parte superior e, ao girarem, empurram uma grande barra de metal em direção aos papéis, fazendo com que estes fiquem imóveis à espera do corte. Os dedos acionam os botões que, por sua vez, acionam a alimentação de energia elétrica e fazem com que as engrenagens comecem a se movimentar em um ciclo ritmado; para realizar o corte há uma grande quantidade de dispositivos acionados. O olho observa se tudo está alinhado e configurado para realização do corte; mão e manivela se ajudam a acionar a faca e cessar o corte no momento certo - movimento que ocorre com diferentes velocidades e intensidades - começando com um puxão com mais força, que é substituída por um fluxo mecânico fazendo com que este acionamento seja coordenado com o tempo da faca abaixar e levantar apenas uma vez; os ouvidos servem não apenas como checagem para a compreensão da eficácia dos procedimentos (som de motor ligando, som da faca batendo no batente, etc), mas também como dispositivo de segurança; as mãos e braços também são acionados para retirar o(s) papel(s) refilado(s) e depositar as sobras no cesto ou saco plástico.

Terminada a etapa de aquecimento, no qual a coreografia é repassada passo a passo, e os ajustes finais são realizados, o ciborgue guilhotina inicia sua dança.

Pega papel, encosta no batente, gira o volante, botão acionado, motores girando, desce manivela, olha a faca descer, olha a faca subir, tira as rebarbas com a mão, joga no lixo, gira o aro, tira os livros cortados. Mais uma vez! Pega papel, encosta no batente, gira o volante, botão acionado, motores girando, desce manivela, olha a faca descer, olha a faca subir, tira as rebarbas com a mão, joga no lixo, gira o aro, tira os livros cortados ...

Os mutirões de produção de livros que têm como objetivo não apenas produzir as publicações em si, mas experimentar um processo que permita o desenvolvimento das técnicas e, principalmente, a troca de conhecimentos envolvidos nesse fazer, eram então uma face mais estruturada do Colaboratório. Estruturada no sentido de que havia maior intenção em uma pré-concepção das ações que seriam realizadas ao propor esses eventos.

Os mutirões abertos não apenas servem como forma de disseminar um fazer e os conhecimentos relacionados a ele, mas também serve como laboratório para o desenvolvimento da própria técnica e dos processos da feitura de um livro. E, nesse sentido, faz-se interessante analisarmos algumas das publicações, bem como especificidades de seus mutirões que ocorreram no Colaboratório.



Foto 1: capa do livro Janela Destravada



Foto 2: miolo do livro Janela Destravada

### **Janela Destravada 3º edição** por Carlos Meijueiro.

Conjunto de histórias sobre o transporte coletivo do Rio de Janeiro.

Técnicas: costura a mão, lombada colada manualmente, miolo e contracapa impressos com impressora jato de tinta e capa impressa com tipos móveis.

Especificidades do mutirão: este projeto chega ao Colaboratório em sua terceira edição, sendo as anteriores também realizadas no formato mutirão. O dinheiro destinado à compra de materiais, impressão e pagamento da mão de obra foi resultado da venda das edições anteriores do mesmo livro. Foram produzidos duzentos exemplares em mutirões abertos a interessados em participar do projeto.



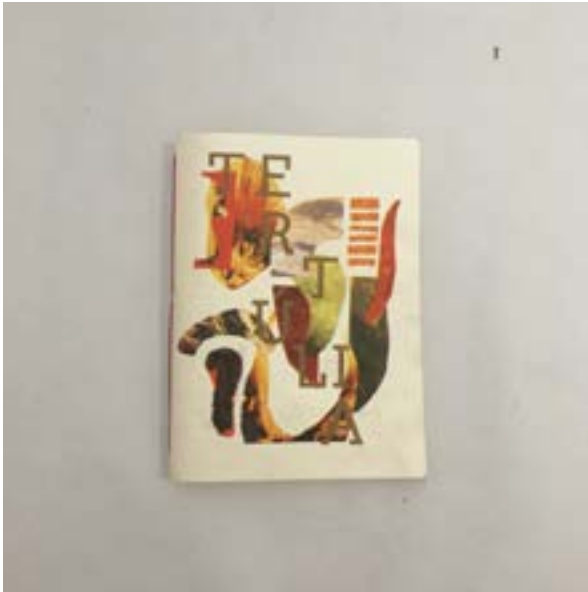


Foto 1: capa do livro *Tertúlia*



Foto 2: miolo do livro *Tertúlia*

**Tertúlia** por Ana Beatriz Rangel, Ana Luiza Riguetto, Carla Diacov, Danielle Magalhães, Fernanda Morse, Flávia Péret, Gabriela Faccioli, Jarid Arraes, Julia Raiz, Maíra de Benedetto, Maria Bogado, Priscilla Menezes, Rita Isadora Pessoa, Sarah Valle, Tatiana Pequeno, Tertuliana Lustosa, Yasmin Mereli e Yasmin Nigri.

Conjunto de poemas criados a partir da leitura de autoras mortas como interlocutoras para os novos poemas.

Técnicas: encadernação canoa com costura a manual, capa impressa em serigrafia 4 cores e miolo impresso em impressoras jato de tinta.

Especificidades do mutirão: Primeiro livro que teve a capa impressa em serigrafia com quatro cores, o que demandou um grande estudo de como poderíamos executá-la com precisão ainda que não tivéssemos os equipamentos adequados. O mutirão produtivo foi aberto a interessados em participar e o dinheiro destinado a compra de materiais, impressões e mão de obra foi conseguido através de uma campanha crowdfunding.



Foto 1: capa do livro A história de Laura

Foto 2: miolo do livro A história de Laura

Foto 3: capa do livro Cadernos de corpo

Foto 4: miolo do livro Cadernos de corpo

**A história de Laura** por Maria da Luz Perim e

**Cadernos de corpo** por Emília Cajaty e André Aranha.

O primeiro, um romance sobre a vida de uma mulher e sua família e, o segundo, um livro sobre exercícios de Equilibração Corporal.

Técnicas: costura à mão, lombada colada manualmente, miolo, capa e contra capa impressos com impressora jato de tinta.

Especificidades do mutirão: ambos os livros tiveram sua feitura financiada pelos autores e executadas em mutirões produtivos abertos aos interessados.

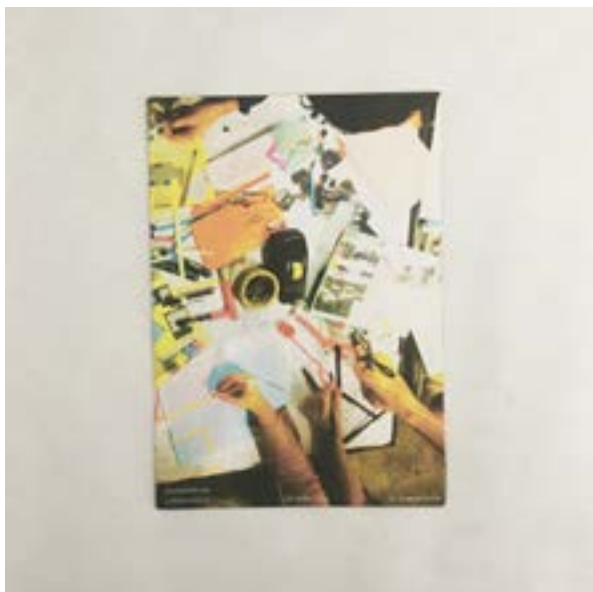


Foto 1: capa da Gazeta Colaboratório

Foto 2: miolo da Gazeta Colaboratório

Foto 3: capa da Gazeta Explicação

Foto 4: miolo d Gazeta Explicação

**Gazeta do Colaboratório** por zeladores do Colaboratório.

**Gazeta Explicação** por zeladores e alunos da Esdi.

O primeiro expõe o funcionamento e prestação de contas do Colaboratório e o segundo expõe a crise em que a Esdi se encontrava em maio de 2016.

Técnicas: conteúdos produzidos coletivamente utilizando a técnica de colagem e fotografia para a produção das páginas, impressos em jato de tinta e encadernação canoa grampeada.

Especificidades do mutirão: material produzido por zeladores e alunos para divulgar e dar transparência ao projeto recente que era o Colaboratório e as condições em que se encontrava a Esdi no momento. Os custos de produção foram financiados pelos próprios zeladores e as gazetas foram distribuídas no próprio Colaboratório, em feiras de publicação independente e em eventos da escola.



Foto 1: capa da História de seu Felipe

Foto 2: miolo da História de seu Felipe

Foto 3: capa do caderno Esdi aberta

**A história de seu Felipe** por André Aranha e Roberta Guizan.

**Cadernos Esdi aberta** produção coletiva.

O primeiro uma história em quadrinhos sobre a situação dos funcionários terceirizados da UERJ e o segundo cadernos artesanais.

Técnicas: conteúdo produzido manualmente e escaneado, impressão jato de tinta e encadernação canoa grampeada para as histórias em quadrinhos. Capa impressa com tipos móveis e encadernação canoa grampeada para os cadernos.

Especificidades do mutirão: ambos projetos foram produzidos em mutirões abertos com os materiais disponíveis no Colaboratório e vendidos em eventos da escola. O dinheiro proveniente das vendas foi revertido para novos investimentos em materiais e manutenção dos equipamentos.



Foto 1: capa da Gazea Fuck Golpe



Foto 2: miolo da Gazeta Fuck Golpe



Foto 1: capa da Cartilha da PEC 241



Foto 2: miolo da Cartilha da PEC 241

**Gazeta fuck golpe** por zeladores.

**Cartilha da PEC 241** por zeladores.

A primeira, uma gazeta sobre o processo de impeachment da Presidenta Dilma Rousseff e o segundo uma leitura orientada da PEC 241.

Técnicas: para a gazeta, conteúdo produzido manualmente e escaneado e, para a cartilha, conteúdo produzido digitalmente, impressão jato de tinta e encadernação canoa grampeada para ambos.

Especificidades do mutirão: além da produção o conteúdo também foi desenvolvido em coletivo. Ambos os projetos surgem da vontade dos zeladores em dar transparência ao cenário político da época e foram produzidos com recursos pessoais destes e distribuídos pessoalmente ou em feiras de publicações independentes. Possíveis contribuições monetárias resultantes desta distribuição foram revertidas para o fundo de manutenção do espaço.



Foto 1: capa dos Cadernos do CEP

Foto 2: capa da revista Usina

Foto 3: miolo da revista Usina

**Cadernos do CEP volume 1** por Ana Fainguelernt, Bernardo Valença, Fernanda Morse, Maria Isabel Iorio e Rafael Zacca.

**Usina** por coletivo Usina.

O primeiro, uma série mensal de mini-antologias e, o segundo, uma edição comemorativa da revista digital Usina.

Técnicas: o primeiro em impressão jato de tinta e encadernação canoa grampeada. No segundo, o miolo foi impresso em jato de tinta e com tipos móveis, capa em tecido impressa com tipos móveis e papel reciclado de produção própria, encadernação com costura a mão

e lombada colada manualmente. Ambos projetos foram produzidos utilizando o modelo dos mutirões e o espaço e equipamentos da oficina gráfica com mão de obra principalmente das equipes próprias do projeto, recebendo pequenos auxílios dos zeladores.

Podemos concluir, então, que os mutirões produtivos são eventos que incorporam os aspectos mais marcantes do Colaboratório, são eles a abertura dos meios e métodos de produção, ao compartilharmos as técnicas que tínhamos e vínhamos desenvolvendo sobre o fazer dos livros, bem como o maquinário e ferramentas necessários para tal produção; a premissa de que a postura de fazer as coisas em coletivo é uma potência que nos permite alcançar objetivos que sozinhos dificilmente conseguiríamos, concretizada na mobilização de diversas pessoas para aprenderem e ajudarem como mão de obra dessas produções; e, ainda o contínuo desenvolvimento desses fazeres, através da experimentação constante, assimilação e compartilhamento das técnicas de feitura dos livros.



## APONTAMENTOS

Como um laboratório de colaboração, o Colaboratório não possuiu apenas um encontro de duas ou mais pessoas, mas, sim, múltiplos encontros que foram estabelecidos e reconfigurados com frequência, com uma grande variedade de número de participantes. Também variadas são as atividades realizadas nesses encontros, bem como os valores compartilhados por aqueles que deles participaram. Se quisermos enumerar alguns desses encontros poderíamos falar sobre: encontros para produção de livros independentes, encontros para estudar sobre a manutenção das impressoras, encontros para restauração do mobiliário dos tipos móveis, encontros para remodelar o espaço da oficina gráfica, encontros para compreender e dar transparência aos custos referentes à oficina gráfica, entre muitos outros.

Nesses encontros, também eram diversas as trocas estabelecidas: habilidades com o uso dos equipamentos, tempo, insumos para a realização de projetos, conhecimentos de técnicas diversas, conhecimentos sobre o funcionamento e disposição do espaço, experiências relativas aos mais diversos assuntos, cuidado com o espaço e com as pessoas que o frequentavam, etc. Os encontros experimentados no cotidiano do Colaboratório nos apresentam claramente um valor compartilhado por seus frequentadores: o acesso aos conhecimentos e meios de produção gráfica, o que é esperado, devido à vocação inicial da oficina.

Tal valor pode ser expresso em múltiplas faces, como a necessidade de um produtor de pequenas revistas autônomo em imprimir seu material para comercialização, encontrando neste sistema um meio acessível e economicamente viável para tal; um aluno que compreende que a abertura prevista para o uso da oficina gráfica lhe proporciona uma fonte rica de conhecimento e possibilidades de aprendizagem e experimentação; ou um autor de livros que explora possibilidades manuais de publicação.

Porém, ao indagarmos as mesmas pessoas sobre o que as levava a frequentar e participar de tais encontros, outro valor era citado com notável frequência: o ato em si de fazer algo em coletivo, a colaboração, o fazer juntos, nos levando a poder perceber o Colaboratório como uma plataforma de encontros colaborativos nos quais se experimentavam, através das atividades realizadas, formas de utilizar a potência existente nestes indivíduos - seus conhecimentos, energia e tempo - para proporcionar o acesso aos conhecimentos e meios de produção gráficos e, ainda, para desenvolver os próprios meios de colaboração, entendendo todos os envolvidos

como co-projetistas capazes de contribuir para a concepção e desenvolvimento contínuo desta plataforma.

A colaboração percebida no Colaboratório é aquela que almeja a criação do comum (Ingold, 2017), e não aquela que espera que todos sejam iguais. Essa comunalidade gerou um contexto fértil para que muitas experiências de aprendizado pudessem acontecer, nas quais os envolvidos estavam juntos aprendendo sobre o que é colaborar, bem como sobre os saberes detidos por todas as pessoas envolvidas e também existentes nas ferramentas e materiais que estavam disponíveis no espaço da oficina gráfica. Logo, podemos compreender que esta plataforma de colaboração também pode ser compreendida como uma plataforma de educação, ou como uma plataforma de *e-ducation* (Ingold, 2017).

A aposta expressa no primeiro documento, no qual escrevemos nossos objetivos com este projeto, que depositou nossas crenças de que a potência dos encontros e do fazer coletivo seriam um meio para que nossas práticas se desenvolvessem e enriquecessem após este exercício de reflexão, nos aponta ter sido um bom investimento, ainda que inicialmente despretençioso. Uma oficina gráfica que por anos permaneceu em desuso, através da entrega de diversos indivíduos retoma seu funcionamento, não nos moldes como se era esperado, mas recriando formas para que este movimento pudesse acontecer, levando em conta as possibilidades reais que aqueles que estavam envolvidos poderiam colaborar para tal.

Neste espaço físico e temporal, o Colaboratório nos indicou que, a partir do desejo de realizar e da abertura de compartilhar e lidar com as questões reais que o cotidiano nos apresenta, é possível que um grupo de pessoas que previamente não compartilham de mesmos interesses e saberes encontrem caminhos possíveis para ensaiar futuros desejados em comum. Neste espaço, foram desenvolvidas formas de compartilhar, aprender, ensinar e produzir que estavam ao alcance daqueles que se dispunham a participar do projeto. Os feitos realizados no Colaboratório nos inspiram a manter a aposta no que antes podíamos considerar irrealizável, mas que a partir desta experiência nos mostrou o contrário.

A articulação entre o Colaboratório e o design pode tanto parecer óbvia, já que este é um projeto pensado e realizado dentro de uma escola de design, como pode parecer escassa, por não termos dentro do projeto uma estrutura mais definida que inserisse o design como objeto a ser estudado ou como meio para o desenvolvimento do projeto em si. Minha pesquisa aqui apresentada não tem a pretensão de apresentar justificativas que convençam o leitor de que este foi um projeto de/ou sobre design, mas busca, sim, trazer reflexões sobre como este

projeto traz impactos positivos para o curso e como esta experiência pode nos indicar caminhos interessantes para pensar a colaboração como um meio para o aprendizado de design e para a criação de novos meios de produção alinhados a novos cenários de produção e consumo de conteúdo.

O impacto mais expressivo e óbvio é a reativação da oficina gráfica da escola, espaço importante para a prática do que é apresentado em teoria nas salas de aula, mas também para a livre experimentação dos alunos, possibilitando a esses adensar suas experiências e tornar sua trajetória acadêmica mais rica e autônoma. Mas, também, podemos citar a importância da participação de pessoas externas à academia no ambiente universitário, colaborando para trazer a este espaço projetos reais e suas vivências profissionais e pessoais, fazendo com que as experiências de aprendizado do Colaboratório se desprendessem do isolamento do mundo, muitas vezes observado em nosso sistema educacional, experiências nas quais as hierarquias observadas neste sistema também são quebradas, onde aprendizes e educadores são papéis desenvolvidos por todos, em alternância.

Estas experiências não tem como objetivo dar fim ou substituir a forma como alunos se educam dentro da universidade, mas colaboram para que esta trajetória seja rica e múltipla. A mesma presença de pessoas que não possuem um vínculo institucional com a universidade nos aponta outro impacto positivo expressado no simples fato de este espaço estar sendo frequentado por uma parcela mais abrangente de indivíduos, premissa que parece clara ao pensarmos quais pessoas deveriam circular pelas universidades públicas, mas que na realidade é sabido não ser algo comum. Logo, a presença engajada destas pessoas, por si só, é mais um impacto a ser destacado.

Além disso, o engajamento como um todo também é um fator que demanda nossa atenção. Observar como foi possível, em pouco tempo de projeto, desenvolvermos um ambiente de pertencimento à escola no qual alunos e não alunos se sentissem parte o suficiente deste espaço gerando uma noção de responsabilidade e cuidado a ponto dos mesmos desenvolverem táticas para contínua manutenção e aprimoramento da estrutura da oficina gráfica.

Estes impactos são consequências diretas de nossa aposta e contínua busca pela colaboração. Esta é a chave principal para o desenvolvimento deste projeto, não à toa, chamado Colaboratório. A colaboração é a forma como se dão as ações e também o objetivo almejado, o meio pelo qual todas estas experiências foram possíveis e o produto resultante delas. Apostar na colaboração foi também apostar em nós mesmos, ação não comumente realizada, mas que com

essa experiência se apresenta de grande valor.

A colaboração observada no Colaboratório nos trouxe autonomia sobre nossos processos de aprendizado, fazendo com que o design fosse parte indissociável deste percurso, por fazer parte da formação profissional da maioria dos envolvidos, mas também por estarmos todos implicados em um processo projetual complexo desta plataforma que o projeto veio a se configurar.

Ao longo dos capítulos desta dissertação me propus a dividir meu processo de pesquisa com o leitor apresentando minha experiência de correspondência ao ser pesquisadora e integrante do Colaboratório. Como primeiro investimento reflexivo, apresento a aproximação dos experimentos de gestão compartilhada da oficina gráfica à pesquisa desenvolvida pelo CODE, no capítulo “Colaboratório - um laboratório de colaboração ou um design laboratory?”. Neste, estão expressos meus primeiros passos como pesquisadora, o momento em que começo a observar o Colaboratório não mais como um investimento pessoal em algo que fazia sentido para mim, mas como um laboratório que promovia uma pesquisa complexa sobre a colaboração e que promovia um ambiente de aprendizado rico o suficiente para que possamos compreendê-lo como um espaço também de educação. Este capítulo então é um convite ao leitor para que ao longo dos capítulos seguintes possamos compreender melhor como estes processos de colaboração e educação se deram a partir das experiências que vivi e presenciei no Colaboratório.

No capítulo “Como surgiu o Colaboratório?” conseguimos compreender como as experiências prévias dos primeiros zeladores se encontram com as necessidades e anseios de alguns alunos da Esdi culminando no surgimento do Colaboratório e principalmente em como este surgimento está atrelado ao movimento de experimentar e criar formas para que neste espaço fosse possível o desenvolvimento de projetos através da colaboração, dos encontros.

Através do estabelecimento de objetivos do projeto intitulado Colaboratório, inicia-se um compromisso de longo prazo com a experimentação destes modos de colaborar e, portanto, o Colaboratório passa a poder ser compreendido como esta plataforma que promove os encontros dos interessados, o desenvolvimento dos meios e o registro e compartilhamento dos aprendizados, assim como mencionado no capítulo “Colaboratório como plataforma de colaboração e educação”. Como fechamento, apresento no capítulo “Mutirões produtivos” a experiência de produção de livros independentes que incorpora todos os movimentos que aconteciam no Colaboratório em eventos abertos de produção e troca de conhecimentos.

Quais seriam então os próximos caminhos possíveis para este projeto? Desde o início do

ano de 2019 não venho mais frequentando a oficina gráfica por dificuldades de conciliar minha agenda com os horários de funcionamento da universidade e, portanto, me encontro distante do que vem ocorrendo no Colaboratório. Assim como eu, algumas outras pessoas se encontram na mesma situação, fazendo parte deste grupo os quatro primeiros zeladores que iniciaram este processo comigo, além de outros zeladores que possuíam bastante engajamento com o projeto. Em uma reunião, em abril de 2019, entre zeladores que enfrentavam dificuldades de estar mais próximos ao projeto, entendemos que era importante realizarmos um encontro para arrumação do espaço. Neste encontro além da arrumação e limpeza da oficina gráfica foram retirados equipamentos pessoais e/ou danificados que estavam sendo compartilhados na oficina para que estes não fossem um encargo a mais para aqueles que continuassem a frequentar o espaço. Este panorama poderia ser um indício do término do Colaboratório. Porém, essa seria uma visão simplista sobre o movimento que aconteceu na oficina gráfica da Esdi.

Assim como mencionado anteriormente, o Colaboratório se configurou como uma plataforma de colaboração, uma forma de agir perante a projetos, espaços e os processos de aprendizado. Logo, limitá-lo ao espaço físico da oficina gráfica seria o primeiro erro a ser cometido ao decretar o seu fim. Além disso, decretar o término do projeto a partir da não possibilidade de engajamento de pessoas específicas, em si, vai contra todo o movimento que por lá foi estabelecido. O Colaboratório não pode ser limitado a um projeto de algumas pessoas, ele é um projeto de encontros (produtivos e de troca de aprendizados) e de zelo (pelos espaços, ferramentas e materiais compartilhados). Neste mesmo momento em que me distancio do projeto, bem como alguns de meus colegas, outro grupo de pessoas formado por alunos da graduação já se encontra mobilizado em zelar pelo espaço. Portanto, não há como prevermos quais encontros estão por vir, nem como o zelo com este espaço será estabelecido, mas gostaria de convidar o leitor a juntos fazermos novas apostas:

A aposta de que a oficina gráfica da Esdi permanecerá sendo ocupada por alunos que perceberam que através de alguma organização e da participação no cotidiano uns dos outros conseguem manter o espaço ativo e funcional e, ainda, de que a oficina é um espaço para exercerem sua autonomia sobre o que aprendem e o que produzem; a aposta de que autores e produtores de textos e impressos irão dar continuidade à investigação sobre os meios de produção e as formas de acessá-los e compartilhá-los para que cada vez mais pessoas possam ter seus projetos produzidos e em circulação; e, finalmente, a aposta de que aqueles que participaram deste projeto carreguem neles mesmos a primeira aposta feita, ao acreditarem

que ao nos juntarmos, e compartilharmos nossos saberes e meios para que esses saberes sejam desenvolvidos, estaremos mais potentes e capazes de maiores feitos.

### O que vem pela frente

Enquanto escrevo este texto minhas mãos estão trêmulas, os dedos chacoalham postados acima do teclado. Deve ser tensão, afinal de contas mais um ciclo está prestes a se fechar. Deve ser ansiedade, afinal de contas o que eu vou fazer quando ele acabar? Deve ser saudade, afinal de contas não estou mais conseguindo frequentar a oficina gráfica como antes, assim como vários outros afetos que se intensificaram ou foram descobertos por lá. Deve ser felicidade, daquelas tão intensas que fazem tudo tremer. Deve ser medo, afinal de contas outras pessoas vão ler tudo isso que escrevi.

O Colaboratório começou fazemos aproximadamente três anos. Calma, será que ele começou na Esdi? Talvez tenha começado há seis anos, com a Casa 248. Não é possível que depois de escrever uma dissertação ao longo de dois anos eu ainda não saiba dizer quando o Colaboratório começou.

Ok. Vamos tentar falar do final.

O Colaboratório teve seu fim no início de 2019...

Mas acabou mesmo? Eu não estou mais frequentando, as pessoas que conheci e que estavam todo esse tempo comigo também não. Mas aquela aluna me mandou uma mensagem perguntando sobre onde estavam os grampos, então tem pessoas frequentando a oficina gráfica. Ela também perguntou se eu queria ajudar em um mutirão de arrumação, então o espaço ainda deve estar sendo cuidado, ou melhor, zelado.

Pois bem, esta dissertação termina e eu não sei nem quando o Colaboratório começou, nem ao menos se ele terminou ou vai terminar. Será que eu fiz isso (mestrado) certo? Minhas mãos tremem ainda mais. Melhor falar do que eu sei, ou ao menos acho que sei, talvez seja menos complicado.

Eu fui Colaboratório junto com vários amigos que já conhecia e que conheci ao longo dos últimos três anos. Eu queria ser Colaboratório há algum tempo antes disso, queria estar com pessoas que me instigassem a ser mais, queria estar cercada de gente, queria aprender um monte de coisas que não sabia, mas queria muito saber, estes desejos que quando a gente lê parece que são desejos de todos. Mas os desejos se concretizaram.

Quando fui Colaboratório eu nem sabia que estava sendo, mas aí eu inventei

de ser mestranda e tive que escrever e ler e pensar sobre isso tudo que estava acontecendo, enfim, descobri que eu estava sendo Colaboratório. Fui Colaboratório porque Colaboratório não é a oficina gráfica, porque também não é impressora aberta, assim como não é mutirão para fazer publicação. Se eu for explicar o porquê eu fui Colaboratório a verdade é que eu não saberia dizer, mas eu sinto que fui. Na verdade mesmo, eu sinto que continuo sendo, mesmo sem estar indo na oficina gráfica e por isso digo que ele não a é.

Quando digo que fui e continuo sendo não me sinto só. Até porque esse ser Colaboratório não é um ser sozinho, é o contrário disso, é ser vários, ser juntos. Eu fui Colaboratório quando estávamos varrendo a oficina e arrumando letrinhas de ferro em gavetas que depois iriam virar capas de livros de amigos autores, quando aprendi que podia pegar um espaçamento de letras na mão; fui Colaboratório quando pensávamos e repensávamos incessantemente o que era Colaboratório e no final permanecíamos sem saber muito bem; fui Colaboratório quando pessoas desconhecidas vinham me dizer que queriam muito aprender a fazer livro e perguntavam quando era o próximo mutirão; fui Colaboratório quando não sabia o que iria fazer na oficina gráfica mas me encontrava lá naquele espaço descobrindo que meus colegas tinham várias demandas e me pegava os ajudando a realizá-las, e igualmente quando eu tinha várias demandas e estas mesmas pessoas se engajavam em me ajudar.

Eu sou Colaboratório quando, frente a um projeto com o qual não sei como proceder, o primeiro pensamento que me vem à mente é como eu poderia juntar mais pessoas em torno dele para juntos o realizarmos; sou Colaboratório quando continuo investigando como podemos produzir livros em mutirão e com isso descobrindo e aprendendo cada vez mais sobre este fazer; sou Colaboratório quando deixo fluir o impulso de compartilhar meus conhecimentos sobre estes processos e através dessa ação aprender com os outros, sou Colaboratório quando permaneço apostando que quando estou junto sou potência.

## REFERÊNCIAS

- BINDER, Thomaz. (2007). **Why design:labs?**. In Design Inquiries. Stockholm.
- BRANDT, Eva. (2004). **Action research in user-centred product development**. In: AI & Society. Sweden.
- BRANDT, Eva; BINDER, Thomas. (2010). **Communities of everyday practice and situated elderliness as an approach to co-design for senior interactions**. In: OZCHI 2010 Proceedings, 2010. Brisbane: ACM New York.
- BRANDT, Eva; KJAERGARD, Sarasiff; SCHOU, Gudrun Risak; VALLIN, Martin. (2011). **Teaching Co-Design Games in Five Weeks: - Exploring diversity and unity for a design school in transition**. In: International Association of Societies of Design Research, 2011. Netherlands: Research - peer review.
- FREIRE, Paulo (1998). **Pedagogia do Oprimido**. 25<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- HARAWAY, D. J; KUNZRU, H; TADEU, T. (2009). **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano**. Belo Horizonte: Autêntica.
- HARAWAY, D. J. (2016). **Staying with the Trouble: Making Kin in the Chthulucene**. Durham: Duke University Press.
- INGOLD, T. (2011). **Being alive: essays on movement, knowledge and description**. Nova York: Routledge.
- INGOLD, T. (2013). **Making: Anthropology, Archaeology, Art and Architecture**. Londres/ Nova York: Routledge.
- INGOLD, T. (2017). **Anthropology and/as Education**. Londres/Nova York: Routledge.
- LIB NIO, Claudia de Souza; AMARAL, Fernando Gonçalves. (2011). **Aspectos da gestão de design abordados em dissertações e teses no Brasil: uma revisão sistemática**. In: Revista Produção Online.
- LUNDSGAARD, Christina. (2011). **Reversing the co-design process: co-design tools for postoccupancy evaluation**. In: Nordic Design Research Conference. Helsinki.



MANZINI, E. (2015). **Design, When Everybody Designs: An Introduction to Design for Social Innovation**. Cambridge: MIT Press.

SANDERS, Elizabeth; BRANDT, Eva; BINDER, Thomas. (2010). **A Framework for Organizing the Tools and Techniques of Participatory Design**. In: OZCHI 2010 Proceedings, 2010. Brisbane: ACM New York.

SENNETT, R. (2012). **Juntos: os rituais, os prazeres e a política da cooperação**. São Paulo: Record.

YNDIGEDN, Signe L.; LENSKJOLD, Tau Ulv; OLANDER, Sissel; FOVERSKOV; Maria. (2011). **Mobilizing for community building and everyday innovation**. In Nordic Design Research Conference. Helsinki.